Universidade Federal de Alfenas
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Ciências Sociais

MEMÓRIAS ALAGADAS:
a construção da hidrelétrica de Furnas e a submersão da vida

Lárame Silva Carvalho
Marly Teodora Nogueira

Alfenas
2015

LÁRAME SILVA CARVALHO
MARLY TEODORA NOGUEIRA

MEMÓRIAS ALAGADAS:
a construção da hidrelétrica de Furnas e a submersão da vida

Trabalho de conclusão de curso apresentado com requisito para colação de grau em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Cid Gigante.

Alfenas
2015

LÁRAME SILVA CARVALHO
MARLY TEODORA NOGUEIRA

Memórias alagadas: a construção da hidrelétrica de Furnas e a submersão da vida

A banca examinadora abaixo assinada, aprova a dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais pela Unifal/MG.

Aprovada em: _____

Lucas Cid Gigante
Unifal/MG _____

Adriano Santos
Unifal/MG _____

Gleyton Trindade
Unifal/MG _____

Dedico este trabalho a você que acompanhou todos os meus passos para que esta conquista se concretizasse, que desde o inicio estava presente mesmo quando eu me fazia ausente, pois sobrava para você pouco do meu tempo, mais você sempre compreensiva, sempre ao meu lado, fazendo dos meus amigos seus amigos e participando do meu mundo acadêmico. A você meu grande amor, minha razão de viver, toda a minha gratidão, por todo amor que depositou em mim. Meu pedacinho de ser, minha filha Ana Paula, amada e abençoada.

Marly

Dedico esse trabalho aos meus pais, Solon e Evalda, que são a base do que sou hoje. Sou imensamente grata por ter dois seres tão maravilhosos na minha vida; que em muitos momentos deixaram de viver suas vidas por mim. Dedico também ao meu noivo Diego, que sempre esteve disposto a me ajudar quando necessário.

Lárame

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos professores, que muito contribuíram para nossa formação e conclusão desse trabalho, em especial ao nosso orientador Lucas, que um dia em sua aula nos despertou o interesse pelo nosso tema e teve a paciência e boa vontade de nos ajudar com nossa pesquisa.

Agradecemos também aos nossos amigos motoristas: José, Fernando e Diego, obrigada por serem nossos guias em caminhos tão difíceis.

Agradecemos aos nossos queridos entrevistados pelas horas dedicadas às nossas conversas, somos imensamente gratas pelas lembranças e emoções partilhadas.

A represa

Zé Mulato e Cassiano

Olhar para este varjão que um dia foi meu sertão me causa tanta tristeza.

Por ganância e ambição, ideia de um figurão foi feita a grande represa.

Onde corria um mateiro, tinha angica, cravoeiro, sucupira e jacaré.

No mesmo cerrado, agora o povo que vem de fora já pesca tucunaré.

É de causar muita mágoa está debaixo das águas minha velha moradia.

Todo mês de maio o meu pai com gosto e trabalho dava um poso de folia.

Desde quando era menino que a folia do Divino fazia esse roteiro.

Eu esperava a folia para ouvir o mestre guia na saudação do cruzeiro.

Eu morava na baixada de guariroba formada dez alqueres de cultura.

Bem na beira do caminho era humilde meu ranchinho, mas nadava na fartura.

Eu colhia nesse chão milho arroz e feijão e cana pra rapadura.

Um mandiocal bem formado e no chiqueiro com alguns capado me garantia gordura.

Veio o homem da represa e disse por gentileza assine esse documento.

Está desapropriado mas fique bem sossegado que terá seu pagamento.

E por uma ninharia sem pensar no que eu sentia lá se foi o elemento.

Vieram pra calar a minha boca, um quantia tão pouca, que nem vale o sentimento.

A água veio subindo e o meu ranchinho sumindo como já se a pedir socorro.

Minha família chorou e a represa me empurrou aqui pra cima do morro.

RESUMO

Por meio da História Oral como método, a presente pesquisa coletou depoimentos de ex-moradores de Barranco Alto e Mandassaia (bairros rurais de Alfenas-MG) que vivenciaram a subida das águas do lago de Furnas, na década de 1960. Os relatos permitem concluir que o projeto e a execução da hidrelétrica afetaram negativamente o ritmo da vida social, o sustento econômico, a posse das terras e as situações de moradia, bem como a mobilidade local e regional. Implicando mais profundamente a desterritorialização, a inundação deslocou moradias, equipamentos públicos e propriedades rurais, resultando numa ruptura das relações de territorialidade com os espaços, bem como afetando a relação simbólica com o meio e alterando a vida cotidiana. Tais dimensões imateriais requalificam as compensações financeiras pelas desapropriações como insuficientes, seja pelo aspecto material seja pelos demais. Como conclusão, torna-se evidente nos depoimentos, principalmente pelo seu teor e tom vital, que a obra em questão atropelou a vida social dos moradores destas localidades, modificando-a de forma irreversível.

Palavras-chave: Furnas. Hidrelétrica. Desterritorialização. Barranco Alto. Mandassaia. Alfenas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Noronha (esq.) e Rydland (dir.) ao depararem pela primeira vez com o excepcional sítio para um projeto hidrelétrico. 19
Figura 2: Vista do canyon do Rio Grande no local da barragem de Furnas. 19
Figura 3: Reunião dos diretores de Furnas com JK; começando da esquerda João Monteiro, Lucas Lopes, Juscelino, Cotrim, Lyra e Dutra. 20
Figura 4: Cotrim descrevendo o projeto de Furnas, ao então governador de Minas Gerais, Bias Fortes; começando da esquerda Cotrim, Bias Fortes, Cândido Holanda e Lyra. 20
Figura 5: Maquete do projeto definitivo de Furnas com oito unidades de 150.000kW. 21
Figura 6: JK e os diretores de Furnas; começando da esquerda: Juscelino, Dutra, Cotrim e Lyra. 21
Figura 7: Dia de missa, padre e moradores de Barranco Alto. Igreja demolida. 28
Figura 8: Barranco Alto em dia de festa. 28
Figura 9: José Amando da Cruz, nascido em 1960 - 55 anos. 50
Figura 10: Jaime de Oliveira, nascido em 1943 – 72 anos. 56
Figura 11: Esquema de próprio punho de Jaime de Oliveira. 58
Figura 12: Luís Marcelino, nascido em 1925 – 90 anos. 64
Figura 13: Estevam Lindolfo Cabral. Nascido em 1925 – 90 anos. 69
Figura 14: Expedita Maria da Silva, nascida em 1948 - 67 anos. 72
Figura 15: Casa centenária, uma das poucas casas que resistiu a vinda das águas em 1963. Pertencente a Expedita. 76
Figura 16: Momento da entrevista com Expedita. 76
Figura 17: João Bernarda, nascido em 1928 – 87 anos. 86
Figura 18: Casa de adobo, casa essa em que viveu João Bernarda até a sua morte. A casa ainda continua de pé nos dias atuais, no bairro Mandassaia. 92
Figura 19: Interior da casa do João Bernarda. 92
Figura 20: João Bernarda no interior da sua casa. 93
Figura 21: João Bernarda sentado à beira do fogão de lenha contando suas memórias. 93
Figura 22: Moradores locais 1. 94

Figura 23: Moradores locais 2. 94
Figura 24: Moradores locais 3. 95
Figura 25: Moradores locais 4. 95
Figura 26: Dia de festa em Barranco Alto, ao fundo a Casa Paroquial. 96
Figura 27: Congada na porta da Casa paroquial. 96
Figura 28: Moradores em dia de missa. 97
Figura 29: Crianças de Barranco Alto, juntas com o Padre Clodoaldo (direita da foto). 97
Figura 30: Festa na igreja. 98
Figura 31: Missa campal. 98
Figura 32: Igreja em estilo neogótico. 99
Figura 33: Procissão 1. 99
Figura 34: Procissão 2. 100
Figura 35: Procissão 3. 100
Figura 36: Casamento. 101
Figura 37: Pensão do José Rocha. 101
Figura 38: Moradores locais 4. 102
Figura 39: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 1. ...102
Figura 40: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 4. ...103
Figura 41: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 5. ...103
Figura 42: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 6. ...104
Figura 43: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 7. ...104
Figura 44: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 10. .105
Figura 45: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 12. .105
Figura 46: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 14. .106
Figura 47: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 17. .106
Figura 48: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 19. .107
Figura 49: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 23. .107
Figura 50: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 24. .108
Figura 51: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 31. .108
Figura 52: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 35. .109
Figura 53: Casa e máquina de beneficiamento de arroz em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 36. 109
Figura 54: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 38. .110

Figura 55: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 40. .110
Figura 56: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 41. .111
Figura 57: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 42. .111
Figura 58: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 45. .112
Figura 59: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 47. .112
Figura 60: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 49. .113
Figura 61: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 50. .113
Figura 62: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 51. .114
Figura 63: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 52. .114
Figura 64: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 54. .115
Figura 65: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 56. .115
Figura 66: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 57. .116
Figura 67: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 59. .116
Figura 68: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 61. .117
Figura 69: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 62. .117
Figura 70: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 63. .118
Figura 71: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 68. .118
Figura 72: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 69. .119
Figura 73: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 79. .119
Figura 74: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 82. .120
Figura 75: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 83. .120
Figura 76: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 84. .121
Figura 77: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 85. .121
Figura 78: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 88. .122
Figura 79: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 90. .122
Figura 80: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 91. .123
Figura 81: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 92. .123
Figura 82: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 93. .124
Figura 83: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 95. .124
Figura 84: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 101.125
Figura 85: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 102.125
Figura 86: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 102.126
Figura 87: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 104.126
Figura 88: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 107.127

Figura 89: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 112.127
Figura 90: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 113.128
Figura 91: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 114.128
Figura 92: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 120.129
Figura 93: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 121.129
Figura 94: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 125.130
Figura 95: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 126.130
Figura 96: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 129.131
Figura 97: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 130.131
Figura 98: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 134. A entrevistada Maria Helena Gomes reconheceu a casa como sendo da sua família. 132
Figura 99: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 135.132
Figura 100: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 136. 133
Figura 101: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 140. 133
Figura 102: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 143. 134
Figura 103: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 146. 134
Figura 104: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 147. 135
Figura 105: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 155. 135
Figura 106: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 162. 136
Figura 107: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 166. 136
Figura 108: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 168. 137
Figura 109: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 169. 137

Figura 110: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 170. 138
Figura 111: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 171. 138
Figura 112: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 172. 139
Figura 113: Planta da atual Barranco Alto. 140
Figura 114: Mandassaia. 140

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO I – BREVE HISTÓRICO DO GOVERNO JK E O PROJETO DA HIDRELÉTRICA 16

CAPÍTULO II – O AVANÇO DA MODERNIDADE 22

CAPÍTULO III – A HIDRELÉTRICA DE FURNAS E A DESTERRITORIALIZAÇÃO 25

CAPÍTULO IV – MANDASSAIA, MEMÓRIA E FICÇÃO 29

CAPITULO V – O CONCEITO DE MEMÓRIA 37
5.1 História Oral enquanto método 42
5.2 A língua e a escrita na História Oral 45

CAPITULO VI – MANDASSAIA, BARRANCO ALTO E AS MEMÓRIAS ALAGADAS 47
6.1 Breve apresentação de Barranco Alto e Mandassaia 47
6.2 Memórias ouvidas e documentadas 47
6.3 Memórias 50
6.4 Um catálogo da submersão 94
6.4.1 Antes da submersão 94
6.4.2 Depois da submersão 140

CONCLUSÃO 141

REFERÊNCIAS 143
BIBLIOGRAFIA 145
ANEXO 146

INTRODUÇÃO

Em um momento de transformações tanto políticas como sociais, a construção da Hidrelétrica de Furnas em Minas Gerais era considerada a salvação para alguns e vista como o “crime do século” por tantos outros. Nesse período de mudanças, Furnas com suas águas modificou a vida de inúmeras famílias e é nesse contexto que pretendemos trabalhar: como as pessoas afetadas pelas águas se sentiram diante dessa obra monumental? E em meio a esses acontecimentos, queremos entender como a memória foi mantida pelas famílias e qual o sentimento que ainda resiste após a inundação que os expropriou.

Ao ver o que a modernização é capaz de fazer para conseguir atingir seu ideal, é conveniente pensar se é possível a modernidade acontecer de uma forma menos drástica e mais gradual. Em especial no caso da Hidrelétrica de Furnas, teria sido possível a construção dessa hidrelétrica (que seria importante para o Brasil) por intermédio de um impacto menor na vida das pessoas?

A construção da hidrelétrica de Furnas, no primeiro momento, deixa transparecer (pelos sentimentos dos expropriados) que o mundo das pessoas que viviam nessa região foi modificado profundamente, em nome do “progresso”. Temos como exemplo de cidades que sofreram mudanças drásticas, São José da Barra (que fica no encontro dos rios Sapucaí com o rio Grande), Boa Esperança, Capitólio, Campo do Meio, Guapé e Fama. Guapé teve o maior número de migrações compulsórias (cerca de 6.000 pessoas foram desalojadas).

Com a construção de uma hidrelétrica, a mobilidade regional fica prejudicada e os habitantes são obrigados a saírem de suas terras. O mesmo aconteceu com a construção da hidrelétrica de Furnas: estradas e ferrovias ficaram submersas, alguns locais ficaram praticamente isolados e os expropriados se viram na necessidade de abandonar suas terras implicando a morte do vínculo afetivo com a terra. Como a agricultura era desenvolvida nas várzeas, por serem as terras mais férteis, as plantações de café, feijão, milho, alho e principalmente o arroz, ficaram prejudicadas, o que sobrou depois da inundação era uma terra ruim para o plantio.

CAPÍTULO I – Breve histórico do Governo JK e o projeto da hidrelétrica

O Brasil, desde o período imperial vivenciou a demanda por mais eletricidade, devido ao desenvolvimento econômico e à urbanização. Neste contexto, o aumento das exportações, o êxodo rural, a urbanização e a industrialização pediam melhorias na infraestrutura do país.

Nesse cenário de crescimento, a energia elétrica era cada dia mais essencial para o País. Percebe-se uma preocupação maior do governo federal a partir dos governos de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubistchek. Antes, a energia usada pelas indústrias e por algumas cidades era privada; o setor elétrico era comandado por concessionárias privadas e na sua maioria estrangeiras (COTRIM, 1994).

Durante o governo de Getúlio Vargas nos anos de 1950, pode ser percebida a maior participação do poder público (JUNIOR, 2010). Inicialmente, foi criado o Plano Nacional de Eletrificação, que estabeleceu estrutura e mostrou um caminho a ser seguido para o desenvolvimento do setor elétrico no país; o que antes estava nas mãos da iniciativa privada passou a ser papel do Estado, agora o responsável pela expansão da eletricidade. Esse Plano Nacional de Eletrificação contou também com o apoio dos Governos Estaduais, que começavam a criar empresas de distribuição.

Com o governo de Juscelino Kubistchek ainda nos anos 50 (o governo durou de 1956 a 1960), o presidente institui o Plano de Metas, que tinha como meta estabelecer as bases de uma economia industrial madura, principalmente no setor de bens duráveis como a indústria automobilística (GREMAUD, 2008). O Plano de metas era dividido em três pontos: investimentos estatais na infraestrutura (destaque para os setores de transporte e energia elétrica), estímulo para o aumento da produção de bens intermediários (destaque para aço, carvão, cimento e zinco) e incentivos aos setores de consumo duráveis e de capital. O Plano atacava os pontos de estrangulamento existentes, que contribuíam para o aparecimento dos pontos de germinação (um ponto de germinação importante de ser destacado é a construção de Brasília) que sustentavam a taxa de crescimento do país.

A construção da Hidrelétrica de Furnas surge em meio a esse crescimento do país. Em 1957 o governo de Juscelino Kubistchek cria a Empresa Central Elétrica de

FURNAS S/A, que tinha como objetivo construir uma usina hidrelétrica que pudesse atender a região centro-sul e evitar o monstro do colapso energético.

> O projeto Furnas calhava com perfeição, em termos de capacidade geradora, ao que o momento exigia, além de possuir outras características muito importantes e valiosas. (COTRIM, 1994, p. 32).

O então engenheiro da Cemig Francisco Afonso Noronha, em um dia de pescaria às margens do rio Grande percebeu o grande potencial daquele local. Daria para construir ali uma barragem compacta de no mínimo 100 metros de altura, seria uma usina bem maior que a Usina de Peixotos.

> [...] se tratava da embocadura de um longo desfiladeiro, ladeado por paredões de cento e tantos metros de altura que o Rio Grande atravessava numa grande extensão, desde pouco abaixo da confluência de seu tributário, o Rio Sapucaí. (COTRIM, 1994, p. 40-41).

Noronha fez o início do projeto e apresentou-o a John Reginald Cotrim, que naquele momento era vice-presidente da Cemig e que seria o presidente de Furnas. Verificando o local, Cotrim viu que era possível a construção de uma usina de grande porte. No dia 28 de fevereiro de 1957, no Rio de Janeiro foi assinado por Juscelino Kubitschek a escritura pública da Central Elétrica de Furnas S.A e posteriormente assinado também o Decreto 41.066 que autorizava Furnas a trabalhar como empresa de energia elétrica. (REVISTA FURNAS, 2007). Furnas passou a ter sua sede em Passos (MG), o escritório central no Rio de Janeiro, um em São Paulo e outro em Belo Horizonte.

Carlos Mário Farevet é designado como engenheiro responsável pelas desapropriações; com sua equipe, formada por advogados, agrônomos, topógrafos e avaliadores de terras, começa a negociar com os proprietários e com as autoridades de cada município. Um dos maiores problemas enfrentados por Furnas ocorreu nas desapropriações: a área inundada seria de aproximadamente 1.600 km quadrados, somando 32 municípios, com mais de 5.000 propriedades rurais, incluindo suas pontes, estradas rurais, estradas de ferro e cemitérios. Os Furneiros (nome dado aos empregados de Furnas pelo pessoal da região) tiveram que convencer as pessoas do progresso que a Hidrelétrica iria trazer para todo o país e

isso não foi fácil. Cotrim conta em seu livro “A história de Furnas” sobre uma reunião realizada na cidade de Alfenas com os proprietários de sítios e fazendas da região. Alfenas encontrava-se às margens do Rio Sapucaí, no extremo sul do reservatório. Os donos de terras nessa região tentaram de toda forma possível embargar a construção ou pelo menos mudar o projeto inicial e construir uma barragem mais baixa. Dessa forma, no dia 24 de fevereiro de 1957 foi feita a reunião em Alfenas. Cotrim conta que imaginaram uma reunião de no máximo quatro horas, mas que encontraram proprietários enfurecidos e que não concordavam com Furnas. O ambiente estava carregado, os donos das terras não concordavam com nada que os Furneiros falavam; foi uma reunião com duração de onze horas que não ajudou em nada nas negociações.

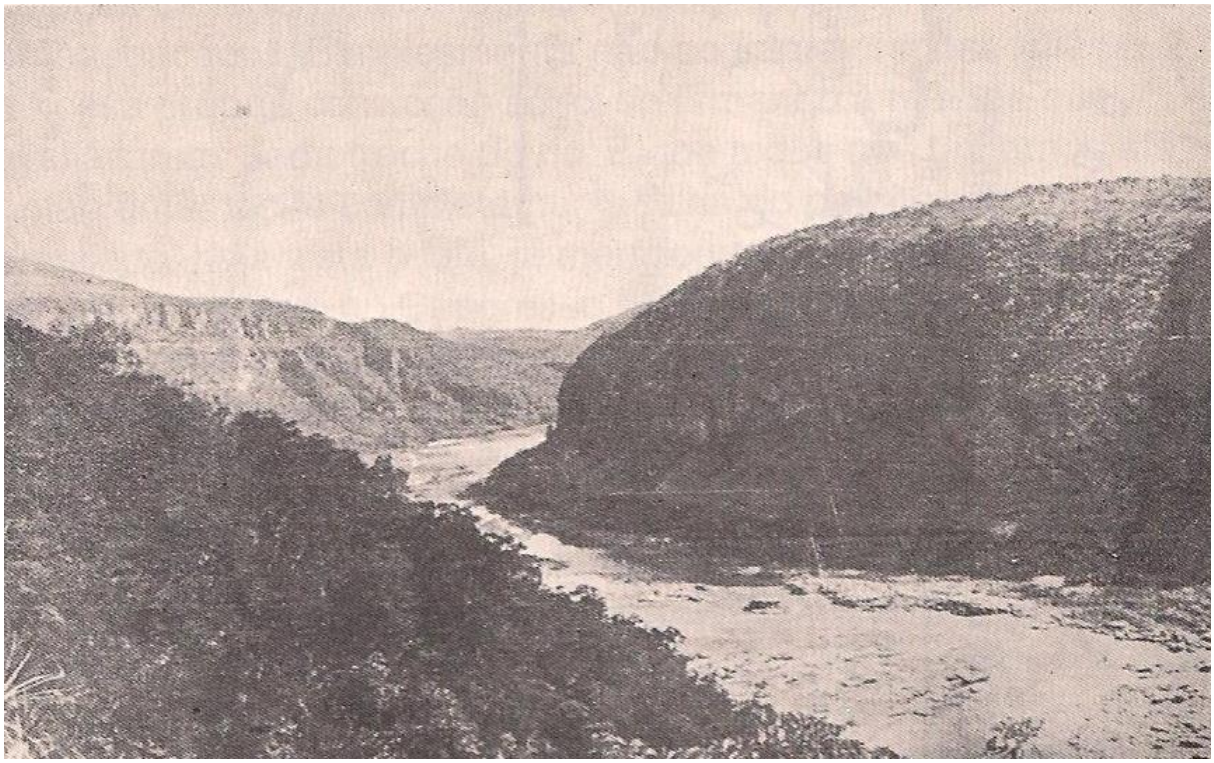
Mesmo com os desacordos, em 1961 as comportas são fechadas para encher o reservatório e em dois anos a hidrelétrica começou a funcionar. Os bairros de Barranco Alto e Mandassaia (pertencentes à cidade de Alfenas) foram submersos completamente pelas águas em 1963, não só Barranco Alto e Mandassaia sumiram com as águas da represa, o transporte ferroviário que passava pela região também ficou submerso e foi desativado.

A partir de então, a vida de inúmeras pessoas foi modificada; para o desenvolvimento acontecer foi preciso trazer prejuízo e danos para a região. A região era produtora de arroz, feijão, milho e alho e as melhores terras ficaram submersas. O valor das indenizações, na sua maioria foram baixas; há relatos de pessoas que chegaram a passar fome com a vinda da represa de Furnas. As águas do reservatório mudaram todas as cidades que estavam no seu caminho: Alfenas é um exemplo, era uma cidade interiorana com no máximo 20 mil habitantes e após a construção do reservatório passou a crescer. (MARTINS, 2010).

Figura 1: Noronha (esq.) e Rydland (dir.) ao depararem pela primeira vez com o excepcional sítio para um projeto hidrelétrico.

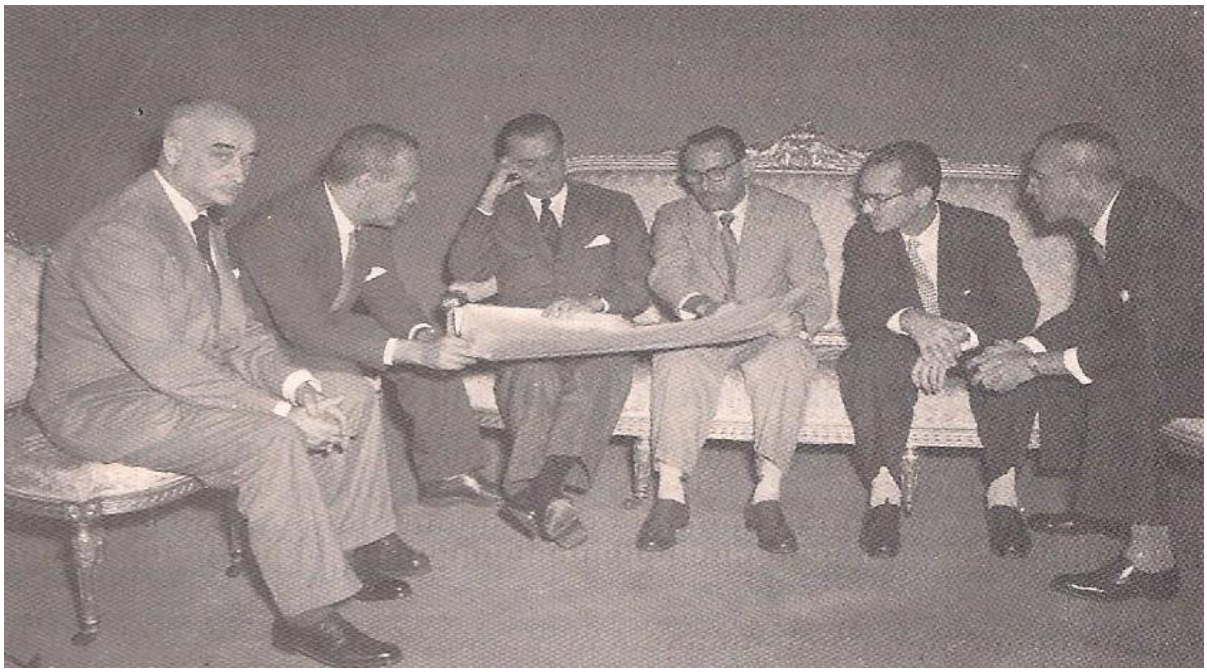
Fonte: Cotrim (1994).

Figura 2: Vista do canyon do Rio Grande no local da barragem de Furnas.



Fonte: Cotrim (1994).

Figura 3: Reunião dos diretores de Furnas com JK; começando da esquerda João Monteiro, Lucas Lopes, Juscelino, Cotrim, Lyra e Dutra.

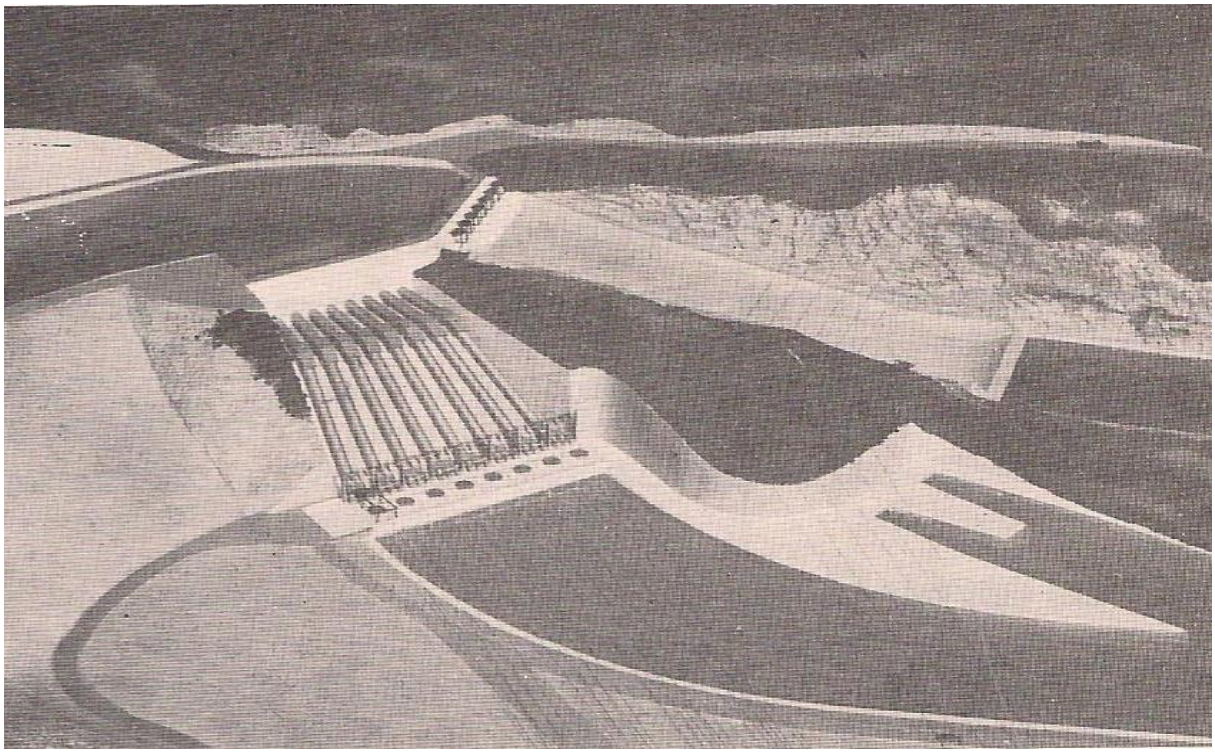


Fonte: Cotrim (1994).

Figura 4: Cotrim descrevendo o projeto de Furnas, ao então governador de Minas Gerais, Bias Fortes; começando da esquerda Cotrim, Bias Fortes, Cândido Holanda e Lyra.

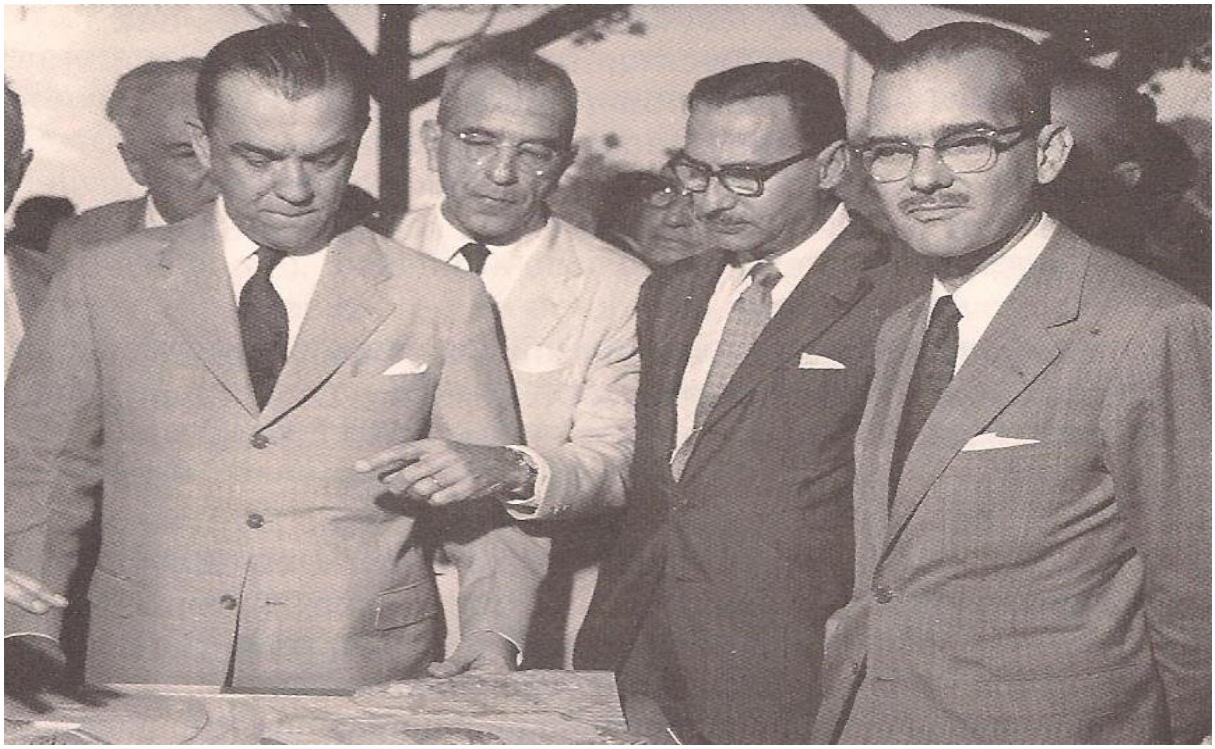
Fonte: Cotrim (1994).

Figura 5: Maquete do projeto definitivo de Furnas com oito unidades de 150.000kW.



Fonte: Cotrim (1994).

Figura 6: JK e os diretores de Furnas; começando da esquerda: Juscelino, Dutra, Cotrim e Lyra.



Fonte: Cotrim (1994).

CAPÍTULO II – O avanço da modernidade

Com o processo de modernização e o crescimento do país na década de 1950, alguns projetos apareceram devastando o “mundo dos pequenos”. Quem diria que em uma região tão pacata, como o Sul de Minas, iria ser construída uma gigantesca represa que abalaria tanto a vida de inúmeras pessoas.

Victor Leonardi, em seu livro “Entre árvores e esquecimentos”, retrata bem como a modernidade surge como um projeto avassalador no Brasil. Leonardi (1996) ilustra bem isso falando sobre a construção de Brasília, obra do arquiteto Oscar Niemeyer que aconteceu praticamente junto com a construção da Represa de Furnas e da abertura de grandes estradas no Centro-Oeste e na região amazônica. O ambiente antes intocável pelo homem passa a ser atropelado por máquinas, forasteiros e grandes construções.

Leonardi (1996) retrata bem a questão do progresso, ilustrando-o como um gigante com duas caras: de um lado, fonte de desgraça e, do outro, fonte de bem-estar; acontece que a face visível costuma ser a do bem-estar, “empurrando” para de baixo do tapete o lado da desgraça.

> Uma cultura que se ergue sobre bases tão dilaceradas sofre uma espécie de autismo cultural, pois precisa perder o contato vital de um dos lados de sua própria realidade para só enxergar o outro. (LEONARDI, 1996, p. 114).

Exemplos como a construção de Brasília, a construção de novas estradas e a construção da Represa de Furnas, tiveram os dois lados da moeda. De um lado a modernidade com seu *status*, com grandes obras, inúmeras vagas de emprego, mega construções e crescimento industrial; do outro lado, a devastação, a tristeza, as famílias que tiveram que deixar seu “pedacinho de terra” em nome de um projeto maior, famílias essas que muitas vezes ficaram sem comida, sem uma casa decente para morar, aquele “cantinho para chamar de seu”. Podemos imaginar (e os relatos efetivamente nos demonstram isso) como o mundo dessas pessoas foi modificado de uma hora para outra; no lugar da mata apareceu uma estrada, no lugar de um descampado ergueu-se uma cidade e no lugar de um riacho uma imensidão de água chega cobrindo tudo.

> [...] quando o termo fronteira começa a ser manipulado para designar a expansão da sociedade nacional e a integração territorial, ele adquire, segundo Catherine Aubertin e Philippe Léna, “uma dimensão simbólica que ultrapassa o aspecto concreto e localizado do fenômeno”, passando a ser utilizado em uma dimensão ideológica, como se essas áreas remotas do sertão pudessem oferecer ao país inteiro novas perspectivas de crescimento econômico. (LEONARDI, 1996, p. 117).

Não somente no Brasil, mas em alguns outros países, o crescimento econômico na sua maioria vem arraigado com a destruição; destruição essa que atinge principalmente os pequenos, menos valorizados socialmente. A modernização é repleta de desigualdades, possibilidades e esperanças para alguns e desilusões para tantos outros, sendo construída num processo de aventura, preconceito, violência e destruição.

> Economia e violência, a partir de então, aparecem quase sempre associadas [...] da morte matada inevitável justificando truculências “civilizadas” em nome do crescimento econômico, das máquinas modernas ou da inovação tecnológica. Com os fins justificando os meios, mais uma vez. (LEONARDI, 1996, p. 177).

No Brasil, a ideologia do progresso a qualquer custo é predominante, sendo assim não é tarefa fácil ser revertida. País em que esse tipo de mentalidade está na sua formação, o que nos parece muito complicado, até impossível de ser modificado. A conhecida lei do mais forte prevalece quando ressurge como um projeto de Estado, sendo “os pequenos” apenas pedras que pouco atrapalham o caminho traçado.

> [...] Para a concepção progressista da história, as catástrofes da Modernidade – como as duas guerras mundiais, Auschwits e Hiroshima, as guerras coloniais e imperialistas, a destruição do meio ambiente natural – [...] significam acidentes de percurso, incidentes lamentáveis – mas marginais no grande movimento de melhoria. (LEONARDI, 1996, p. 221).

Outro ponto interessante que Leonardi (1996) destaca em seu livro e que permeia o tema da construção da represa de Furnas é sobre a amnésia histórica que é produzida. Tanto na questão da colonização como na questão da represa de Furnas, poucos relatos ou livros tratam detidamente o tema dos excluídos nas grandes colonizações ou construções. Ao fazer o levantamento de livros ou histórias

sobre a inundação das terras mineiras para a construção da grande barragem de Furnas, pouca coisa foi encontrada a respeito de fontes que contam a “história dos pequenos” através de relatos orais. Existe uma ausência de preocupação com a perda dos ribeirinhos e um grande esforço para a compreensão do desenvolvimento econômico e da modernidade chegando em nosso país pela ótica positiva, o que, aqui significa a ideologia da “riqueza que seria trazida com as águas da represa”. Isso nos lembra os anos iniciais da formação escolar, quando os alunos das escolas de ensino básico só aprendem o lado bom da colonização no Brasil, deixando de lado a destruição no ambiente e os processos de violência social implicados.

> [...] uma espécie de amnésia histórica se produz, criando uma visão reconfortante para os civilizados, cuja história deixa de ser uma sucessão de roubo de terras (e de etnocídios), para se tornar um lento e gradual avanço rumo ao progresso, mediante um esforço constante da civilização sobre a barbárie. (LEONARDI, 1996, p. 259).

E por causa dessa amnésia histórica muitos detalhes da história, tanto do Brasil como da Represa de Furnas se perderam no tempo. Detalhes importantes, memórias que foram enterradas juntamente com seus donos; o corpo se findou e a memória também.

CAPÍTULO III – A hidrelétrica de Furnas e a desterritorialização

Com a vinda das águas da represa de Furnas, Barranco Alto e Mandassaia sofreram com a perda de terras e também com a perda da identidade, identidade essa formada pelos desejos, sentimentos e vida cotidiana do lugar.

Para entender melhor como foi essa “perda” é interessante recorrer à Geografia e seus pensadores, que com suas categorias podem ajudar a pensar melhor como essa perda de terras e identidades atingiram os moradores ribeirinhos das regiões atingidas pelas águas da represa.

Para Eliseu Spósito (2004), o indivíduo tem relação direta com a territorialidade e, sendo assim, o território não tem sentido sem o indivíduo. Segundo Milton Santos (2006), o termo território é visto como uma categoria de análise do espaço, sendo o território a junção do chão mais a população, com a sua identidade e o sentimento de pertencimento do lugar.

> O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (SANTOS, 2006, p. 97).

Na dissertação de mestrado de Clésio Barbosa Lemos Júnior (2010) sobre a territorialização de políticas públicas, existe uma análise interessante sobre território e a desterritorialização. Usando a perspectiva de Rogério Haesbaert (2004), Lemos Júnior mostra que o território é dividido em quatro dimensões: na dimensão política o território é um espaço delimitado, controlado pelo poder; na dimensão cultural o território é visto como um produto de apropriação de um grupo, com relação ao espaço; na dimensão econômica o território é visto como fonte de recurso e da relação capital-trabalho; e na dimensão naturalista o território é o entendimento da relação sociedade e natureza.

O território ainda pode ser dividido em algumas perspectivas, como parcial, integradora e relacional. Na perspectiva parcial a territorialidade aparece com apenas um ponto de vista, como se a configuração espacial fosse formada por territórios isolados, exercendo apenas um tipo de territorialidade; na perspectiva integradora o território aparece como um revelador de partes e de forma conectada

com os outros territórios; na perspectiva relacional o território aparece como fruto da relação entre os processos sociais e espaço material; nessa perspectiva o território tem movimento, criando assim os processos de territorialização (tomada de posse de um espaço geográfico), de desterritorialização (abandono forçado ou espontâneo do território) e reterritorialização (construção do novo território).

A partir desses pontos sobre território e desterritorialização é possível analisar como a população ribeirinha dos bairros rurais do Barranco Alto e Mandassaia enfrentaram a realidade da perda do território, tanto físico como emocional. Nas entrevistas realizadas no decorrer das pesquisas foi possível saber que muitos ribeirinhos mudaram para a cidade de Atibaia, no interior de São Paulo, alguns mudaram para a zona urbana de Alfenas e outros ficaram na mesma região dos bairros rurais, sendo que esses “recriaram” seus bairros novamente. Para quem saiu ou permaneceu nos bairros rurais afetados, a mudança foi sem dúvida muito grande. Em um período muito pequeno de tempo essas pessoas tiveram que passar pelo processo de desterritorialização e reterritorialização; tiveram que perder o vínculo com a terra, as pessoas, costumes, festas e criar logo de imediato novos vínculos, novos amigos e novos costumes. Muitos não conseguiram conviver com essas perdas e com a nova vida, alguns ribeirinhos da história de Furnas não aguentaram a separação do seu “pedacinho de terra” e logo ficaram doentes e faleceram; e outras cometeram suicídio.

Os moradores dos bairros de Barranco Alto e Mandassaia ficaram ilhados, além de perderem suas casas, seus amigos e também o acesso antigo com a cidade de Alfenas, tanto que esses bairros ficaram mais próximos da cidade de Alterosa. O acesso que tinha com Alfenas era pelo feito pelo rio Sapucaí, a população atravessava em pequenos barcos pelo trecho estreito do rio. Perdeu-se também a rota feita pelo barco a vapor conduzido por um cabo de aço no rio Sapucaí (que fazia a travessia para cidades próximas); perdeu-se a rota de boiadeiros que seguia para outros estados, como Goiás e perdeu-se os trilhos da rede ferroviária administrados pela RMV (Rede Mineira de Viação – inaugurada em 1928 com o nome de E.F. Machadense, que no ano de 1938 passa a fazer parte da Rede Mineira de Viação e ficou em atividade até 28/02/1963).

Furnas fez outra estrada de terra para os moradores, que liga a cidade de Alterosa, mas a ligação com Alfenas foi perdida, passando a ser feita por balsa e seguida por uma longa estrada sem pavimentação.

Segundo relatos dos entrevistados, Barranco Alto e Mandassaia eram bairros religiosos e festeiros; em muitas das entrevistas foi relatado sobre as festas da igreja, com quermesses, bingos e leilões. Essas festas perderam-se com as expropriações e a desterritorialização fez os bairros perderem essa tradição, as festas ficaram apenas na memória daqueles que viveram naquela época. Como poucos ribeirinhos permaneceram nesses bairros (segundo uma das entrevistadas ficou quinze famílias no Barranco Alto após a inundação) e como a principal igreja foi demolida alguns anos após a inundação, a tradição acabou ficando perdida no tempo.

Segundo aponta Lemos Júnior (2010), ao se implantar uma grande barragem, como foi o caso de Furnas, os aspectos sociais e culturais acabam ficando em segundo plano. O que importa ao setor energético é apenas o potencial oferecido pela natureza do território, o que se iniciou, no caso de Furnas, com a descoberta do grande canyon formado pelo Rio Grande.

> A implantação de uma grande barragem constitui-se, a rigor, em uma apropriação feita por atores estatais e privados, ligados ao setor elétrico, sobre um território já histórica e espacialmente apropriado pelos que ali vivem. Enfim, desapropriam-se uns para que se dê a apropriação por outros. (LEMOS JÚNIOR, 2010, p. 45).

Dessa maneira, as territorialidades existentes no lugar perdem-se no meio da inundação; as relações sociais, econômicas, culturais e políticas têm que ser reconstruídas novamente. Perdem-se laços sentimentais, laços com a terra e laços de amizade, tudo vai sendo inundado pelas águas da represa, inclusive a vida. A desterritorialização implica tais perdas, através da negação de fixação em um território, antes dito como seu; após o processo, o indivíduo tem apenas um pedaço de terra, sem história e sem vínculos.

Figura 7: Dia de missa, padre e moradores de Barranco Alto. Igreja demolida.

Fonte: arquivo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 8: Barranco Alto em dia de festa.

Fonte: arquivo pessoal de Elvira Ribeiro.

CAPÍTULO IV – Mandassaia, memória e ficção

A notícia da inundação causou um grande tumulto em toda a região mineira, não sendo diferente na região de Alfenas e este fato foi relatado por alguns escritores, dentre eles alguns alfenenses que levaram para ficção personagens reais que realmente existiram, apesar de não ter um contexto totalmente histórico (como acontece com história que conhecemos em que os fatos relatados são sempre de personalidades, de uma elite social dominante). Ficam para um segundo plano (quando não esquecidos) os desprovidos de voz, aqueles que ninguém ouve e ninguém vê.

O autor de Mandassaia, Ildeu Manso Vieira, trouxe à tona em seu livro fatos que realmente aconteceram, não deixou de relatar as memórias coletivas dos indivíduos que participaram de toda esta trama, ou melhor, deste "drama" vivenciado, a construção da represa hidrelétrica de Furnas, que foi denominado como "o crime do século".

Ildeu (2002) discorre sobre todas as etapas e alguns personagens reais que fizeram parte desse enredo, em que o protagonista, o fazendeiro José Alves, do Mandassaia, representa as pessoas que perderam suas casas, fazendas e terras. José Alves representa o homem cuja grande riqueza era a terra.

Portanto, através dele podemos situar todo o drama vivido naquele período, ver também os dois lados da história, (mesmo quando o autor coloca seu ponto de vista trazendo suas ideologias a respeito da hidrelétrica e em alguns pontos exaltando esta construção), os atingidos pela Represa e o governo juntamente com a empresa responsável pela obra.

Ildeu teve um papel importante, pois pode acompanhar de perto o desfecho de todo o processo, esteve em contato com as duas partes, de um lado a companhia do qual ele era funcionário (advogado incumbido de fazer as negociações) e do outro os atingidos pela represa de furnas, com os quais ele negociava as indenizações.

Tal experiência resultou no livro "Mandassaia"[1], que segundo o autor[2] a obra foi baseada em fatos verídicos nos acontecimentos do dia a dia no sul de Minas e

[1] Livro Mandassaia, foi escrito no período de 1956 a 1964, que segundo o autor ficou guardado em um baú na cidade de Alfenas por 43 anos, estimulado por historiadores e jornalistas, resolveu publicá-lo objetivando resgatar a história pitoresca de uma região de

nos escritórios da central Elétrica de Furnas, na Rua São José, 90, na cidade do Rio de Janeiro, naquela época Capital da República. O livro foi escrito no período de 1956 a 1964 onde todo o processo de construção aconteceu.

Segundo o autor,

> [...] sua preocupação foi de não escamotear a verdade, mas ser fiel aos acontecimentos da época, mesmo contrariando os interesses dos coronéis, políticos e dos próprios diretores da Central Elétrica de Furnas. (VIEIRA, 2002, p. 4).

Entretanto, mesmo acompanhando todo o processo, o ponto de vista que Vieira (2002) tinha desta ação era visionário, pautado na circunstância de que a solução para a crise energética pela qual o país passava (pois deixava de ser um país estritamente agrícola e passava pelo processo de industrialização) era mesmo a construção de mais uma usina hidrelétrica em Minas Gerais. Muitos compartilhavam destas ideias enaltecendo as proezas de JK. Neste período, foram colocados vários carros de som para anunciar o grandioso progresso do país, as rádios e a televisão mostravam um país rumo ao progresso.

Ao lado de todo este frenesi, estava à luta dos agricultores e de alguns políticos, reivindicando o direito de permanecer em suas terras, e de seguir seu curso natural. O Barranco Alto neste período contava com dois representantes na política alfenense, os vereadores Borjão[3] e Olympio Cardoso[4], o segundo se encarregou de dar a notícia aos moradores daquela região sobre a construção da represa, [...] “montado em sua mula marchadeira, percorria fazendas, sítios e

---

bela tradição que teve a sua fisionomia totalmente mudada pela Represa de Furnas. (VIEIRA, p. 3).

[2] VIEIRA, Ildeu Manso, Autor do livro Mandassaia, residia naquela ocasião no Rio de Janeiro onde era diretor do Sindicato dos Bancários e acadêmicos de Direito. Apologista de furnas desde o primeiro momento foi contratado pela Empresa para trabalhar no DSR-Departamento de Serviços do Reservatório – com a função especifica de fazer a expropriação amigáveis das terras e benfeitorias inundáveis e ajudar a pacificar os mineiros belicosos que estavam em pé de guerra (VIEIRA, 2002, p. 2).

[3] Antônio Borges de Oliveira, vereador de Alfenas pelo partido UDN, grande fazendeiro do Barranco Alto, criador de gado zebu.

[4] Olympio Cardoso de Machado, vereador de Alfenas pelo partido PSD, grande fazendeiro do Barranco Alto, criador de gado zebu.

periferia do povoado pregando o desenvolvimento nacionalista de JK, a grande esperança" [...] (VIEIRA, 2002).

Outros políticos se inflamaram contra a construção de Furnas e de seu idealizador JK, o então governador do Estado, Bias Fortes[5] [...] sensível ao clamor dos fazendeiros e políticos do sul de Minas, declarou com eloquência: "Querem fazer de Minas a caixa d'água do Brasil" [...].

Alfenas foi palco da reunião entre os fazendeiros, funcionários de Furnas e políticos de toda a região, onde esteve presente o [...] "deputado federal Oscar Corrêa, que fez um discurso inflamado, atacando o governo JK e a direção de Furnas, [e também] o deputado Estadual alfenense, Manuel Taveira de Souza que se transformou na grande estrela do movimento contra furnas", [...], e os defensores de Furnas, John Reginald Cotrim (presidente de Furnas) e o engenheiro Flávio Lyra (VIEIRA, 2002).

Os discursos de Manuel Taveira[6] na Assembleia Legislativa de Minas Gerais repercutiam nos jornais de Minas:

> As terras destinadas à feitura do reservatório de Furnas são as mais férteis e produtivas do Sul de Minas. Restarão para a lavoura as fraudas dos morros pedregosos, os espigões secos e erosados, as terras ácidas dos campos improdutivos", "Furnas afetará também o sistema de comunicação de toda a região, cerca de 120 quilômetros de estrada de ferro da RMV, serão alagadas pela gigantesca represa. Do exposto se infere que efeitos catastróficos serão produzidos por esse empreendimento de proporções gigantescas que fere a soberania de Estado de Minas Gerais e dos municípios que serão afetados". "Furnas é o absurdo dos absurdos. É o crime do século. É uma obra apocalíptica que deve ser impedida a qualquer custo. (VIEIRA, 2002, 40-41).

Segundo Vieira (2002), o deputado Manuel Taveira não concordava com uma barragem de 96 metros de altura. "Furnas, com uma barragem de 30 metros salvaria as várzeas do cabo verde, da Mandassaia e de outras terras plantadoras de arroz. Mas, Furnas não dava ouvidos ao deputado e nem atendia ao apelo dos proprietários de terras que queriam produzir arroz" (VIEIRA, 2002).

---

[5] José Francisco Bias Fortes assumiu o mandato em 1956 como governador de Minas Gerais, pelo partido PSD, mesmo sendo do mesmo partido do presidente JK, tentou adiar a criação da Central Elétrica de Furnas.

[6] Manuel Taveira de Souza, deputado Estadual alfenense e também advogado criminalista, eleito pela UDN.

Na circunstância de todos estes acontecimentos, o desespero tomava conta dos moradores das áreas atingidas, e a figura de José Alves pode ser vista no contexto em que estes sujeitos foram protagonistas. Em várias passagens do livro de Ildeu, pode ser observado como se constitui a relação do homem do campo com a terra e a importância que tem a terra para quem vive dela e para ela. Para José Alves, nada poderia substituir sua riqueza maior, a terra.

> Aquele era seu mundo e sobre aquele pedaço de terra ele tinha um domínio total. O fogo poderia lamber as suas invernadas, queimar as suas benfeitorias, porém não queimaria a terra, o chão sagrado que produzia tanto arroz. (VIEIRA, 2002, p. 22).

Ele era detentor do seu trabalho, apesar de ser um trabalho árduo ele era senhor de si, comia o que plantava e lhe sobrava muito para vender, apesar da simplicidade da vida morando num casarão antigo herdado pela sua esposa, [...] "fazenda que pertenceu a Manoel Rodrigues, o avô de Isabel e descendente do português Manuel Rodrigues Moreira," [...] [7], ali juntamente com seus filhos e esposa cuidava daquela grande fazenda, que para ele detinha as melhores várzeas da região, da qual tirava grande quantidade de arroz [...] "Vargedo mais mió que as minha num ixesti pressas bandas, uai" [...].

Então bem ali à sua frente estava todo o seu mundo, tinha tudo que precisava e da varanda de sua casa José Alves avistava a ponte do bairro harmonia do outro lado a estrada que dava acesso ao Barranco Alto, [...] "As várzeas do cabo verde, com uma boa parte dos arrozais ainda para colher, perdiam-se de vista da imensidão dourada e na lhanura dos vargedos que se contratavam com as colinas de Alfenas, com as serras de Campos Gerais e do Carmo do Rio Claro"[..], (VIEIRA, 2002). Além da terra boa, tinha o rio com fatura de peixes onde [...] "percorriam as redes armadas nas vazantes e tiravam de dentro d'água enormes curimbatás, traíras pretas e Piracanjuba, além de dourados e piabas", [...]. [...] "além da pecuária e da lavoura branca, não deixava também de explorar o cafezal que há mais de 20 anos continuava proporcionando a ele bons resultados de ordem financeira", [...] (VIEIRA, 2002).

[7] VIEIRA, Ildeu Manso. **Mandassaia.** Atenas, 2002.

Mas a vida na qual ele estava habituado começa a tomar um novo rumo, através da visita do amigo Olympio Cardoso[8], a notícia que Juscelino iria assinar um decreto desapropriando as várzeas para fazer o reservatório de Furnas. Não acreditando naquelas conversas, boatos de todos os lados [...] o fazendeiro do Mandassaia, aborrecido com as notícias alarmantes de Furnas entrou no jipe do sobrinho e foi conferir aquela história que parecia um pesadelo.

Só então teve a certeza que todas as suas angústias (o medo de perder suas terras) eram reais, pois se deparava diante de uma construção gigantesca que nem em sonhos teria imaginado, [...] assustou-se com os canteiros de obra, aquele barulho infernal das enormes máquinas, com os candangos que trabalhavam rápido, parecendo de longe formiga carregadeira [...] (VIEIRA, 2002), agora não duvidava mais, estava diante "da garganta do diabo".

> José Alves retornou ao Mandassaia com ódio do governo, e os vizinhos compareceram em peso em sua casa para ouvir as notícias que trazia das corredeiras de Furnas. Então ele iniciou o relato; "Óia pessoá... tudo que o cumpadi Olimpo falô é verdade verdadeira... [...] "Nossa parentaia da banda do rio Grande tá tudo voroçada..." [...]. "Os furnero tá rivirano a guela das Furnas quiném tatu" [...] (VIEIRA, 2002, p.56).

José Alves tentou lutar de todas as formas, sendo resistente e se esquivando dos furneiros que iam até sua fazenda para fazer as negociações para a compra de suas terras e não teve acordo. Com uma economia guardada ele comprou mais terras no Muzambo, mas não foi diferente, a terra que ele pensava que não seria atingida pela represa também foi inundada. O golpe foi grande e seus filhos foram embora para outro estado, dois deles morreram no Paraná, pois compraram terras griladas e nesta guerra por terras foram assassinados, uma de suas filhas foi internada num manicômio, sua esposa foi morar na cidade para cuidar da filha, ficando ele sozinho cuidando das poucas terras que lhe sobrou.

De acordo com Vieira (2002), "fazendeiros **teimosos**, que não concordavam deixar a querência, foram transformados em sitiantes, transferidos para os remanescentes de terras erosadas, pedregosas, com vias de acessos das mais precárias".

[8] Olympio Cardoso, fazendeiro do Barranco Alto e vereador pelo PSD, partido do governo, era uma das pessoas mais conceituadas na Mandassaia e no Cavaco, bairros de grande concentração demográfica do distrito, onde obtinha grande votação.

Discorrendo sobre esta palavra (teimosos) a qual em várias passagens foi dita, podemos dizer “persistentes”, pois, apesar das precariedades em que eles foram colocados, aquela localidade ainda era seu porto seguro, seu chão firme.

> José Alves, teimoso, mesmo arrebentado pela brutalidade da vida, não deixou a fazenda. Deu continuidade ao trabalho, porém tornou-se um homem amargo, desencantado com o vivenciar de ermitão, deixou de cortar o cabelo, de fazer a barba e raramente tomava banho. Usava roupas amarrotadas, camisas sem botão, calça arremedada, suja de terra vermelha ou de bosta de vaca, botinas rasgadas, e chapéu de palha esfiapado, quebrado na testa. Deixou de ser fazendeiro bem sucedido do vale do cabo verde e transformou-se em um sitiante desmazelado, sem ambição, em simples pantaneiro na beira de Furnas. (VIEIRA, 2002, p. 364).

Em seus relatos, Vieira (2002) discorre sobre a desolação causada pela construção da Represa de Furnas, [...] “órfãos de Furnas” [...], [...] “caravanas de leprosos e indigentes que, mesmo antes da chegada das águas, já passavam por Barranco Alto como retirantes, levando uma vida errante, dormindo em barracas improvisadas e vivendo da caridade pública”, [...]. “sem emprego, e sem esperança, que desorientado deixaram suas terras e foram em busca de novos horizontes”, [...], (VIEIRA, 2002).

Então o desânimo tomou conta depois que as águas da represa cobriram as várzeas dos rios;

> Num suporto mais essa vida lazarenta, homi de Deus! Antes desse aguacer nóis vivia num mundo farturento e agora é só miséria. É uma vergonha nóis da roça tê que í na venda compra arroiz e feijão. Fazê o que, mué? As Furnas acabô com as vargi de prantá arroiz e feijão e vai acabá com nóis tudo... (VIEIRA, 2002, p. 369).

Durante todo o período da construção de Furnas houve protestos, várias tentativas de derrubar o projeto, mais tudo em vão, o poder estava nas mãos do Estado, os prefeitos tentaram obter maiores indenizações para que pudessem recuperar e reconstruir outras estradas, pontes, novos ramais de estrada de ferro mais sem grande êxito. Os municípios ficaram responsáveis de reorganizar tudo e em muitas localidades levaram-se anos para que isto acontecesse. Barranco Alto ficou isolado juntamente com o Bairro Mandassaia. A balsa para a travessia demorou vários anos para entrar em funcionamento, os caminhos se tornaram mais

distantes, as ligações entre os municípios foram cortadas. Ligações do Barranco Alto com Carmo do Rio Claro pela estrada boiadeira[9], o barco a vapor[10] que fazia a travessia pelo rio Sapucaí para o porto do bairro Harmonia, a ponte do bairro Mandassaia que dava acesso ao porto do bairro Harmonia e a estação de ferro do Gaspar Lopes, Alfenas e Areado, a estrada para Alterosa se alongou e fica mais distante e as linhas de ônibus que ligavam toda a região foram interrompidas.

Barranco Alto possuía um comércio muito movimentado, com banco, correio, farmácia, lojas, e foi decaindo depois da enchente da represa.

> A limpeza das áreas inundadas não foi feita de acordo com o estabelecido, sem nenhuma preocupação com o meio ambiente, a flora e a fauna", [...] "Furnas não respeitava o meio ambiente e não atendia as reivindicações das prefeituras da região", [...]. A ponte metálica da linha férrea que ligava Gaspar Lopes a Areado, de 40 metros, não foi desmontada e nem mesmo serrada", [...], Árvores enormes não foram cortadas e haviam de apodrecer no fundo da represa, atrapalhando as embarcações, prejudicando o trabalho dos futuros balseiros. (VIEIRA, 2002, p. 361).

Então veio a inundação (um mar de lama levando tudo que encontrava pela frente).

> São toneladas e mais toneladas de ferro e de madeira para apodrecer dentro d'água. As águas corriam no sentido contrário, espantando os animais, destruindo ninhos, solapando os barrancos, amedrontando as pessoas. (VIEIRA, 2002, p. 364).

A imprensa nacional não deu nenhuma cobertura ao represamento das águas, em novembro de 1962.

Os helicópteros de Furnas, entretanto, sobrevoaram os vales do Rio Grande e do Sapucaí, retirando os pirangueiros teimosos que preferiam morrer submersos no mar artificial a abandonar suas casas. (VIEIRA, 2002).

---

[9] Estrada boiadeira segundo alguns relatos fazia a ligação do distrito do Barranco Alto a Carmo do Rio Claro e seguia para Goiás – Barranco Alto servia como pousada para os boiadeiros.

[10] Barco a vapor puxado por cabos de aço, que aproveitava a correnteza do rio para fazer o transporte gado e de pessoas do Barranco Alto para os municípios de Campo do Meio e Alfenas.

> Amanhã, se Furnas deixar de ser o crime do século, seus diretores vão manipular a imprensa e transformar a verdade em mentira e a mentira em verdade. (VIEIRA, 2002, p. 361).

CAPITULO V – O conceito de memória

Como aponta Decarolis, há milênios, a necessidade de transmitir está inscrita no devir da humanidade como um imperativo constante de toda sociedade, pois em cada ser humano palpita o desejo e a necessidade de transmitir a seus descendentes a cultura herdada: modos de vida, histórias, costumes, convicções, tradições, mitos e crenças (DECAROLIS, 1997). Ainda segundo Bosi, memória pode ser definida como “[...] uma função específica da psique, que consiste em registrar, reter e reproduzir fatos e eventos passados, próprios ou procedentes de fontes exteriores e implica na capacidade de fazer uso dos mesmos” (DECAROLIS, 1997).

> A ética da transmissão da memória se inscreve na profundidade do ser e da subjetividade do homem, que situa sua trajetória individual em função do que lhe foi transmitido. É o imperativo de reconhecer-se; é o sentido de pertencimento. Cada um de nós deve procurar oferecer aos que vem atrás tudo aquilo que lhes permita assumir um compromisso de relação com sua história (DECAROLIS, 1997, p. 98).

Segundo Proust, o passado reside em nossa memória, e não “escondido” nos objetos ou espaços. O foco da memória está dirigido às lembranças referenciais que atuam como “sinais simbólicos”, como aponta Lima (1997, p. 71). Mesmo que não estejamos “conscientes” de determinados fatos, os traços de memória estão presentes em nós e tais lembranças podem, por exemplo, serem ativadas pelos nossos sentidos: olfato, audição, tato, paladar e até mesmo a simples visão de determinado objeto (SOARES, 2006). Assim, Serre afirma:

> Somos revestidos de uma cera mole, quente, espelho opaco, superfície reversa, riscada, pontilhada, diversa, onde se reflete um pouco o universo, onde ele escreve, onde o tempo traça sua passagem; revestidos de tábulas de cera, velha imagem da alma, vestidos de nossa inteligência, de nossa memória, marcados, diferentemente do mundo, por uma rede de longitudes e de latitudes, curvas de nível que dizem nossa longevidade, nossa magnanimidade, nossa amplitude de visão, nossas larguezas. A pele recebe o depósito das lembranças, estoque de nossas experiências ali impressas, banco de nossas impressões, geodésicas de nossas fragilidades. Não procurem fora dela, nem dentro da memória: a pele é toda gravada, tanto quanto a superfície do cérebro, toda escrita também, talvez da mesma maneira (SERRES, 2001, p. 71).

Entre as “coisas históricas” que perduram, algumas vêem a receber o estatuto de patrimônio, como afirma Soares (2006). Tal fato acontece apenas quando uma coletividade decide explicitamente conservá-las e transmiti-las, ou então, quando estas chamadas “coisas históricas” fazem referência a tal comunidade, inscritas em sua “memória viva”, podendo ser reconhecido nelas uma herança (SOARES, 2006).

Assim, Huyssen (2000) declara que um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Na década de 1980, os discursos de memória aceleraram-se na Europa e nos EUA, impulsionados pelo debate cada vez mais amplo sobre o Holocausto, transformando este triste fato num “lugar-comum para os traumas históricos”, fazendo com que este perca sua “qualidade” de evento histórico específico e passando a funcionar como uma metáfora para as outras histórias e memórias.

Para Huyssen (2000), tal premissa pode servir como uma “falsa memória” ou simplesmente bloquear a percepção de histórias específicas. A memória enquanto fenômeno social tornou-se uma espécie de “obsessão cultural” de proporções monumentais em todos os pontos do planeta, permanecendo essencialmente ligada às histórias de nações e estados específicos: uso político da memória. Tratam, também, da **memória como mercadoria** e, segundo Adorno, a mercadorização é o mesmo que o esquecimento, gerando apenas “amnésia”. Os críticos deste modelo acusam esta própria “cultura da memória” contemporânea de “amnésia, apatia ou embotamento”, destacando sua incapacidade e falta de vontade de lembrar e lamentando a perda de uma denominada “consciência histórica”. No entanto, como Bellaigue e Menu apontam, memória íntima e memória coletiva não se opõem, mas podem conjugar-se para dar uma percepção polissêmica do real no tempo e no espaço, propondo à sensibilidade e à imaginação uma aproximação possível (BELLAIGUE; MENU, 1997).

Huyssen (2000) afirma que **a memória vivida é ativa, viva, incorporada no social**, necessária para construir futuros locais diferenciados num mundo global. Afirma também que tanto a memória vivida quanto a imaginada são virtuais por sua própria natureza. Ainda declara que a “[...] memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social.”.

Independente de sua origem (no coletivo ou individual), a orientação fundamental da memória é o tempo, a anterioridade, diferenciando-se da orientação da imaginação, que por sua vez é o irreal. Mas ambos surgem de um lugar comum, a psique, ou seja, a intimidade mais profunda do indivíduo um domínio essencialmente pessoal (BELLAIGUE; MENU, 1997). A essas duas faculdades, faz-se necessário agregar a experiência da memória que pertence realmente ao presente, devido ao ato de rememorar e de elucidar os fatos reais.

Para estes autores, existem três graus de memória:

> **A memória íntima**, ligada à memória/sensação, constituída em parte por nossa experiência da vida cotidiana, e que nos distingue dos demais;
> **A memória aberta**, 'oficial', que pode eventualmente converter-se em memória coletiva - ainda que não necessariamente -, às vezes marcada pela nostalgia, pela trivialidade, e que é freqüentemente objeto de manipulações (patrimoniais, patrióticas, museais, etc...). Os etnólogos falam de uma memória 'étnica', que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas;
> **A memória do trabalho**, ou memória ativa (para viver, para atuar), que se utiliza; é a memória para o futuro, nosso equipamento indispensável que se compõe também da experiência realmente compreendida. É a 'memória operativa', definida por André Leroi-Gourhan, fixando as relações entre o indivíduo e a sociedade. (BELLAIGUE; MENU, 1997, 71-72).

Segundo Scheiner (1997), a memória, portanto, "[...] é um processo de associações mentais que se origina de um sistema de relações entre nossa própria percepção e imagens, fatos, fenômenos e/ou experiências vividos" (SCHEINER, 1997). Trata-se de um processo que é fortemente vinculado ao presente (o indivíduo percebe o passado a partir do presente), permanente e contínuo (a cada momento, retemos na memória imagens e impressões que serão, um dia, utilizadas) (SCHEINER, loc. cit.). Esta instância "[...] se funda sobre o tempo social de cada indivíduo ou grupo social: a permanência da memória se apoia sobre um espaço social onde ela coloca sua marca" (SCHEINER, op. cit., p. 134). Assim, a memória muda, e essa mudança é essencialmente uma mudança das idéias dominantes do grupo, unificadas em sistemas de representação.

> Do outro lado, está o esquecimento – trabalho fundamental para o grupo, pois consiste na eliminação de certas lembranças individuais e coletivas. Este esquecimento é semi-espontâneo, semi-voluntário, mas tem sempre uma finalidade utilitária. **O trabalho da memória é,**

> **portanto, ao mesmo tempo um trabalho de esquecimento e de reconstrução -** delicado mecanismo onde a noção de valor é o parâmetro que define a ação. (SCHEINER, 1997, grifo da autora).

Segundo Maurice Halbwachs a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, visto que todas as nossas lembranças são constituídas, mas que também é uma construção do sujeito.

> Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social, admitiremos que se chame intuição sensível. (HALBWACHS, 1990, p. 41).

Todos os sentimentos, opiniões, pensamentos que damos como nossos são construções coletivas, do grupo a qual pertencemos, (HALBWACHS, 1990). A memória coletiva é um processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por estes grupos e as lembranças demandam das outras pessoas pertencentes aos mesmos grupos que compartilham os mesmos interesses e que vivenciam os mesmos fatos e estas recordações são reconstruídas socialmente, sendo para isto indispensável uma comunidade afetiva, (HALBWACHS, 1990). Todavia, segundo Halbwachs (1990), dizer que a memória é coletiva não significa negar a participação de cada indivíduo na produção do que é lembrado, pois cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (textos e imagens, por exemplo). Portanto, quando tentamos explicar esta diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 1990, 51).

Nas memórias não são demandados apenas a presença dos sujeitos que compõe as relações sociais há também os pontos de referência que permanecem externamente e que são colocados pela sociedade.

Segundo Halbwachs, estas memórias se dividem em: memória interior e memória exterior, ou memória pessoal e memória social, ou ainda memória autobiográfica e memória histórica. Para ele a primeira se auxilia da segunda, pois toda a história de nossa vida forma parte da história em geral. A memória histórica nos apresenta o passado de forma resumida e esquemática, enquanto que a

memória de nossa vida aparece em um contexto mais continuo e denso. (HALBWACHS, 1990).

Ao distinguir a memória coletiva da memória histórica, Halbwachs afirma que a memória coletiva é múltipla, pois se trata da memória de um determinado grupo, enquanto que memória histórica é única, conforme ele destaca: “existem múltiplas memórias coletivas [...] a história é uma e se pode dizer que não há mais que uma história.” (HALBWACHS, 1990). A história pretende dar conta das transformações da sociedade, a memória coletiva insiste em assegurar a permanência do tempo e da homogeneidade da vida, como um intento de mostrar que o passado permanece, enquanto a história é informativa a memória é comunicativa. (HALBWACHS, 1990).

> Os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo. (HALBWACHS, 1990, p. 66)

Pois, não é na história aprendida, mas na história vivida que se apoia nossa memória, então Halbwachs coloca que por história é preciso entender não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga do outro. (HALBWACHS, 1990).

Halbwachs discorre não apenas da formação da memória, distingue também que as lembranças através da experiência vivenciadas em grupos podem ser reconstituídas ou simuladas, podendo criar reproduções do passado ajustadas na percepção de outros indivíduos no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A memória é carregada de lembranças que trazemos durante toda a vida, lembranças que vieram anterior a nós, quando recordamos evocamos toda a existência de uma sociedade a qual pertencemos, “é uma imagem engajada em outras imagens” [...] “as novas imagens recobre as antigas”[...],” e o presente se mistura ao passada remontando estas imagens. (HALBWACHS, 1990).

Portanto, quando nos recordamos de determinado fato junto a um grupo que vivenciou o mesmo fato as nossas lembranças podem tomar uma outra roupagem em relação ao passado, pois serão acrescentados novos fatos que talvez tenham passado desapercebidos por nós ou talvez a imagem que tenha sido construída por nós não seja a mesma dos outros integrantes. (HALBWACHS, 1990). “Porque é

impossível que duas pessoas que viram o mesmo fato, quando narram algum tempo depois , o reproduzam com traços idênticos". (HALBWACHS, 1990).

Segundo Halbwachs, a memória está relacionada ao espaço, "[...] não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial" (HALBWACHS, 1990). Ele discorre sobre os quadros que se constituem ao nosso redor, com os objetos e arranjos dispostos em espaços físicos, dando significado e assim formando uma composição simbólica, carregada de simbolismo (signos), que permanecem em nossas lembranças, mesmo após terem sido extintas na realidade.

Halbwachs destaca que as lembranças dos indivíduos estão relacionadas aos espaços que estes convivem, eles remetem suas memórias para os objetos móveis e imóveis que compõe seu espaço físico.

> Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro. (HALBWACHS, 1990, 131)

São nos espaços ondem ocorrem nossas experiências em que as lembranças são refletidas e que somos conduzidos ao passado, através das paisagens, das montanhas, dos rios, das árvores, das construções arquitetônicas dentre vários bens materiais e que segundo Halbwachs seria impossível rememorar o passado caso algumas de suas características não se conservassem materialmente. Em contraposição ao tempo, que oferece continuamente a ideia da mudança, o espaço no qual se vive evoca permanência e estabilidade (HALBWACHS, 1990).

5.1 História Oral enquanto método

"Desejoso de saber, interrogo".
(Heródoto)

Conforme vimos anteriormente, a memória é uma reconstrução que ocorre no presente, remetendo-se a um passado. Há diferentes meios de narrar este importante meio de transmissão de histórias, um destes métodos de registro é a História Oral. A presente citação nos mostra que obter informações por meio do registro da oralidade é um método antigo. Segundo Miceli, a recorrência a relatos

orais para a compreensão da História foi historicamente utilizada por vários autores e de diferentes maneiras: "No século XVI, temos Bernardino de Sahagún, que quis entender os povos conquistados pelos espanhóis e os entrevistou", e ainda aponta estudos como o de Michelet, que fez uma pesquisa da opinião dos franceses sobre a sua própria revolução, no século XVIII[11].

Mas, por que existe a dificuldade em reconhecer tal método? Poderíamos inferir que a utilização deste método passou a ser questionada a partir do século XVIII, "[...] quando a História ganha o status de ciência e os mesmos passam a não mais ser considerados como fontes seguras para o historiador"[12]. Tal premissa ocorreu sob influência do ideário iluminista, que defendia e dissemina a crença cientificista baseada no fato de a única forma de se chegar ao conhecimento é a razão – as memórias, que por sua vez são construídas a partir de subjetividades, não eram mais vistas como confiáveis para a produção do conhecimento científico[13].

Na atualidade, o embate consiste entre o estabelecimento da História Oral como disciplina ou como método. Mas, para Ferreira – e para nós – **a História Oral é uma metodologia**, pois trata-se de um conjunto de procedimentos usados para gerar depoimentos, visando uma análise posterior[14]. Ainda, segundo D'Alessio, a História Oral amplia o uso de fontes para a (re) construção de histórias e possibilita lidar com a subjetividade em sua forma plena. Afinal de contas, é necessário ter em mente que a subjetividade também existe nos documentos e/ou fontes escritas. Para Ferreira, tal método auxilia na "quebra" de uma espécie de "fetiche" pela fonte escrita, ainda presente nos dias de hoje[15].

Assim, como exemplo "bem-sucedido" de que a História Oral enquanto método é possível e produz consideráveis resultados, Ecléa Bosi (em seu livro "*Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*") busca, na interface entre memórias e idosos, trazer à existência não só apenas relato de pessoas que fazem parte de um grupo oprimido, mas também de pessoas que durante suas vidas fizeram parte de classes sociais que foram também, por sua vez, oprimidas pelas relações de

[11] MEMÓRIA é matéria prima do trabalho do historiador. [reportagem]. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/04.shtml>. Acesso em: 24 nov. 2011.

[12] MEMÓRIA é matéria prima do trabalho do historiador. [reportagem]. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/04.shtml>. Acesso em: 24 nov. 2011.

[13] Idem.
[14] Ibidem.
[15] Ibidem.

trabalho. Tal “interseção metodológica”, como denomina Barbosa, apresenta de forma nítida que é a própria realidade social que articula memória e velhice.

De forma equilibrada, como aponta Barbosa, o livro da Bosi se divide entre teoria e relatos. Nos dois primeiros capítulos, a autora apresenta os conceitos, autores e métodos a serem trabalhos – como em qualquer tese. Mas, no último, mesmo sendo relacionado à parte teórica, fica nítida a transformação sofrida pela autora: é uma espécie de relato de sua própria análise - a pesquisadora não é mais a mesma após a pesquisa. Ela também se torna “narradora”. Afinal de contas, como aponta Barbosa, “Narrar é também sofrer quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre sujeito e objeto” (BOSI, 1987). Há, ainda na narração, uma fusão entre as histórias ouvidas e as histórias vividas pela narradora/ pesquisadora – esta vai unir suas experiências e impressões com as do sujeito que participa. É também no paradoxo entre as alegrias da vida e as dolorosas experiências de vida que esta narrativa maior – o livro – se constrói.

Destacamos os seguintes pontos que serão trabalhados: a defesa da importância do espaço e da fala dos atingidos pela represa de Furnas, que tanto tem a contribuir para as diferentes e plurais narrativas que constituem o social daquelas comunidades; dar luz ao fato de que durante muito tempo se excluiu das construções das memórias oficiais os relatos dos oprimidos, tendo em vista que grande parte dos entrevistados são idosos, visto que se fez “necessário” (e conveniente, de fato, por se tratar de um fato ocorrido a mais de cinquenta anos) contar uma história que reforça um passado de glórias, festas e se contrapondo a isto, de desapontamento, de amargura, injustiça – que por sua vez é tão cruel que “invade” as memórias individuais e se impõe; reforçar, pela análise, os menos favorecidos em nossa sociedade são os que mais sofrem, visto que estes são os padecem com as constantes intervenções e brutais mudanças em nome do progresso; o trabalho não se detém apenas em mostrar e constatar a opressão aqui já apresentada: mas também busca encontrar e apresentar a gênese desta opressão (caminho que deve ser traçado em todo trabalho de pesquisa).

5.2 A língua e a escrita na História Oral

> A historia oral, como qualquer metodologia, deve ser compreendida em seus aspectos técnicos e, também, em seus aspectos teóricos, levando em conta os modos de ser feita, do projeto à produção do texto, e os fundamentos teóricos que legitimam e justificam essa produção, com validade do depoimento, as relações entre memórias e história, a relação entre pesquisador e entrevistado e, até mesmo, o valor do silencio, ou seja, a importância do que se esquece e sobre o que se cala (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 15; FERREIRA; AMADO, 2002, p. 9).

Cabe elucidar uma importante discussão dentro de tal metodologia que concerne à “tradução” ou “transcrição” que se faz do relato apreendido. Entendendo a singularidade do método da História oral no que diz respeito à compreensão de que se lida com seres humanos dinâmicos, portadores de singularidades e identidades, recorremos ao autor Marcos Bagno que em seu livro “*Preconceito Linguístico”* enfatiza o papel de todos nós enquanto sujeitos e pesquisadores/as no que diz respeito à linguagem das pessoas:

> [...] Respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano, porque **a língua nos constitui enquanto seres humanos**. Nós *somos* a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos [...] (BAGNO, 2009, p. 168, grifo nosso).

Desta forma, a língua, ou seja, “[...] a atividade lingüística real dos falantes em suas interações sociais [...]” (BAGNO, 2009), não só “diz” literalmente como nos conta algo sobre a semântica atribuída ao mecanismo lingüístico pelos indivíduos que a utilizam. A língua é uma atividade, pois ela só existe no momento em que ela é utilizada e desempenha funcionalidades nas redes de relações sociais. Assim como tais redes de relações são diversas, as línguas também são, ambas podem ter uma base comum, no entanto, no plano real apresentam suas fundamentais peculiaridades.

Portanto, escrever a forma falada é tentar se aproximar daquele discurso que foi vivo, que pulsava. Por isso ressalvamos a importância em deixar uma escrita próxima da forma falada e na ordem dos fatos que o autor da fala narra. O discurso,

a memória e a linguagem dizem respeito ao espaço de construção e diálogo do indivíduo.

Assim, ainda neste trabalho procuramos pôr em prática este método que defendemos. Para isto, contamos com a participação dos atingidos pela represa de Furnas do distrito do Barranco Alto e do bairro Mandassaia, localizados no município de Alfenas, Minas Gerais, cujo relato incluímos aqui, na íntegra.

CAPITULO VI – Mandassaia, Barranco Alto e as memórias alagadas

6.1 Breve apresentação de Barranco Alto e Mandassaia

O distrito de Barranco Alto, segundo consta na história, no final do século XVIII o lusitano Domingos Vieira e Silva, abriu suas sesmarias, nas terras da bacia do rio Cabo Verde. Fundando em 1797, o Arraial de São José e Dores da Pedra Branca, que mais tarde passou a ser nomeada de Alfenas (em homenagem a família Martins Alfenas); anos mais tardes, os alfenenses fundaram nas barrancas do rio Sapucaí, o Retiro de São João Batista. Antes o local era a Fazenda Retiro, de propriedade de Ana Quitéria, que antes de falecer doou um pedaço de terra para formar o povoado, que nos idos de 1888 passou a simplesmente ser chamado de Barranco Alto. O local agradável e de ótimo clima passou a prosperar na década de 1940, contava com uma Agência dos Correios, uma Agência do Banco Financial da Produção S.A, uma grande fábrica de laticínios e vários estabelecimentos comerciais. O transporte de mercadorias era feito pelo rio Sapucaí por via fluvial através de vapores e por estradas de terra por meio de carros-de-boi. (VIEIRA, 2002).

O bairro Mandassaia é ao lado do bairro Barranco Alto, sobre sua origem não foi possível encontrar nenhum registro oficial, segundo alguns relatos dos moradores, no lugar moravam duas comadres bem próxima uma da outra, e passava por lá alguns mascastes comercializando suas mercadorias, e em um determinado dia uma das comadres grita para a outra: - Comadre manda a saia. E a outra mandou, era saia de montaria, como uma delas não tinha este tipo de saia sempre pedia emprestado para a comadre, quando precisava sair a cavalo.

E sem entender nada os mascates foram embora. Então quando os mascates queriam se referir ao local diziam: Vou vender as mercadorias lá no Mandassaia.

6.2 Memórias ouvidas e documentadas

Os depoimentos foram registrados em áudio por meio da metodologia de história oral. As gravações foram transcritas e editadas para compor este trabalho.

Procuramos a fidelidade dos relatos, não intervindo na transposição do material de áudio para o formato escrito, de modo que o leitor possa sentir como se estive ouvindo o entrevistado. Sendo assim, elas nem sempre estão de acordo com a norma culta da língua, para permanecerem o mais próximo possível do registro da oralidade. Em alguns casos em que poderia haver dificuldade de entendimento por parte do leitor procuramos então colocar entre parêntese a palavra citada.

As transcrições tiveram algumas partes fragmentadas dentro do texto, mas sendo preservado todo seu contexto. No entanto em alguns relatos não foram usadas toda a gravação, pois como os entrevistados relatavam suas histórias livremente, sem interrupção na maioria das vezes, alguns falaram de suas particularidades onde não foram transcritas por não ser o intuito deste trabalho. Usamos de palavras chaves em algumas entrevistas para fazer com que alguns depoentes voltassem para os relatos sobre a inundação. As gravações foram devidamente armazenadas em CD, para que fossem entregues posteriormente aos entrevistados.

Seguindo e tendo por base os relatos dos entrevistados, buscamos alguns materiais de aporte como, notícias de jornais, peças teatrais, fotos e livros que pudessem ampliar e esclarecer alguns fatos ocorridos naquele período. Mas não para verificação da veracidade dos entrevistados, pois não é o intuito deste trabalho aqui exposto. O trabalho tem por finalidade trazer à tona relatos que ficaram na memória daqueles moradores que vivenciaram o acontecimento da inundação, pessoas simples.

Portanto, através dos relatos dos entrevistados, podemos nos transportar para um período que para muitos era sinônimo de progresso, mas que para outros era de perdas, não só material mais de pertencimento.

Neste presente trabalho foram colhidos relatos dos moradores, que de alguma forma vivenciaram um mesmo fato, e que se entrelaçaram num mesmo emaranhado, seguindo assim um mesmo caminho e que de alguma forma fizeram com que suas vidas tomassem outra direção. Então, quando transportados para aquele determinado tempo da história, (a construção da hidrelétrica de Furnas), que segundo a história oficial, foi um projeto grandioso que representava o progresso do país, para estes moradores atingidos não representou nenhum ato glorioso, somente o sentimento de perda. Para onde foram estes proprietários e trabalhadores rurais (pequenos agricultores) detentores de seu trabalho, de sua liberdade, para onde

está modernidade (este progresso) levou estes indivíduos, que caminhos esta nova concepção de desenvolvimento desenhou para estes sujeitos?

Ficando assim sempre a mesma pergunta: qual seria o rumo de suas vidas se estas tivessem seguido seu fluxo natural, como um rio que nasce e segue seu percurso e que mesmo tendo obstáculos não deixa seu caminho natural? Como acordar e não se reconhecer naquele local, como olhar a sua frente e não mais reconhecer aquela paisagem, não mais ver os caminhos que seus avós, seus pais e você percorreram durante toda uma vida?

Olhar através das janelas dos seus olhos e não mais ver aquele quintal da sua infância, a casa em que nasceu, olhar para o lado e não ver as casas dos seus amigos, a igreja de tantas missas e tantas festas, ruas perdidas, caminhos que já não levam a lugar nenhum, aquela ponte que feita de ferro por onde se via passar aquele trem levando todas aquelas pessoas para lugares distantes, aquele apito, aquela fumaça, aqueles sonhos. Agora só restaram lembranças, aquele olhar perdido, parado, fitando o infinito como que se pudessem pegar todas aquelas imagens com as mãos.

6.3 Memórias

Figura 9: José Amando da Cruz, nascido em 1960 - 55 anos.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Era pequeno quando as águas da represa chegaram à Barranco Alto. Seu pai, Nelson da Cruz, trabalhava como escrivão do cartório local e esse cargo José vai ocupar anos mais tarde; hoje lida com a terra e com gado no seu sítio, onde vive com a esposa, filho e netos, nas proximidades de Barranco Alto. José Amando (do verbo amar) apesar de não lembrar com detalhes da vinda das águas por ainda ser

muito pequeno, sempre ouvia histórias contada pelo pai e moradores locais. Concorreu por algumas vezes a vereança pela cidade de Alfenas, mas até o presente momento ainda não se elegeu.

Entrevistadora:
Qual é seu nome?

Entrevistado:
José amando da Cruz, (do verbo amar, não é nome não, risos).

Entrevistadora:
Quantos anos você tem?

Entrevistado:
Eu tenho 54 anos**.** Quando a Furnas veio eu era criança.

Entrevistadora:
Você lembra do rio Sapucaí?

Entrevistado:
Lembro da água vindo, o transtorno do povo. O Barranco Alto, é o seguinte, antigamente era uma fazenda chamada Fazenda Retiro, a proprietária dela chamava-se Ana Quitéria, tem até o nome de uma principal rua lá (barranco alto), e tinha uma colônia nesta fazenda. Ela não casou, não tinha herdeiros, doou a fazenda na morte dela para a diocese na época (a diocese de Campanha) e depois que passou para Guaxupé. Aí doou, com essa vila formou um povoado chamado São João padroeiro com uma igrejinha pequena feita de taipa, vocês já viram falar de taipa? Aí no barranco do rio em baixo tinha um barranco muito alto onde a turma fazia natação essas coisas, aí com o passar do tempo passou a São João do Barranco Alto e depois São João desapareceu do nome e ficou Barranco Alto. Então quando Furnas veio era uma vargem muito rica muito grande onde era o sustento de toda população ali cujo arroz não era plantado, era nativo da terra, o trabalho dos agricultores eram ralear o arroz pra que viesse a colheita depois. Então as terras eram muito abundante, muito farta. E aí veio Furnas. (pausa), Furnas veio, a turma

vai alaga, vai alagá, a turma – há isso jamais acontece, ninguém acreditava que alagava, veio até uma certa artura e parou, aí a turma ficou com o pé meio atrás, (risos), inclusive teve gente que perdeu casa e não tinha onde morar foi um sufoco. Eles vinham negociar (funcionários da Furnas), quem pois preços nas terras foi os próprios donos, assim, não pois preço (aumentando o tom de voz) vale tanto eles pagaram. Veio uma equipe na frente fazendo o levantamento, tinha o mapeamento de onde ia pegar tudo certinho, aí perguntava para o proprietário o que valia aquelas terras, não o que era aquelas terras, se aquelas terras eram produtivas, e ia embora, fazia aquela pesquisa dava pra eles assinarem e ia embora. Até teve um fazendeiro aqui que teve uma vargem (várzea) que era a coisa mais chique, que era a Santa Maria, ele chamava Rosquinlim Ribeiro, então este fazendeiro que eu citei tinha uma vargem muito boa, muito rica e criava um gadão na época na várzea, mas era muito miserável e muito seguro, aí eles vieram entrevistar, e ele ficou com medo e de ser para aumentar imposto. Aí ele pegou e falou, há essas várzeas minha aí não vale nada, isso aí só serve pra criar sapo e pra mais nada. Os furneiros diziam mais que coisa, parece ser uma várzea boa, tal, parece que tem um gado lá, e ele, não isso não alimenta nada só sapo mesmo. Escreveram lá; e o senhor assina? Assino. Então tinha assinar o que falava. Aí passaram numa outra fazenda que chamava Toninho Cardoso, o homem chamava Antônio Cardoso e esse homem tinha mandado vir um dínamo Alemão da Espanha, dínamo é que produz energia elétrica e tinha montado uma usina fazia três dias para manutenção da fazenda. Aí chegaram lá entrevistaram, ele tinha setenta alqueires pra cima e lá nessa varginha (várzea) muito pequenininha, aí foram avaliar. Aí foram andando lá deram com essa usina, aí os homens perguntaram e essa usina do senhor? - Essa usina aí vale a Fazenda? Ele tava meio bobo ainda fazia só três dias que tinha acendido a luz, uma luz muito boa na época. - Vale a fazenda, tenho setenta alqueires de terra se for vender vale quase o valor da fazenda no mínimo cinquenta alqueires de terra o valor da usina; mas sem saber, assinou e eles foram embora. Aí foram embora, e veio outra equipe para acertar de acordo com o valor que o proprietário tinha dado nas terras, aí chegou no Rosquilin aí, uma micharia pro Rosquilin, mais uma micharia memo (mesmo),ele lutou de vara; - há não, isso não dá. - Não, o senhor falou que suas terras só serviam para criar sapo. Aí chegaram lá no Toninho Cardoso a indenização da usina dava para comprar cinquenta alqueires de terra, a indenização da usina. Então e ali no Barranco Alto também existia um corredor não sei se é certa

essa informação saia em Goiás, chamava corredor boiadeiro, eu lembro do corredor mais até onde ele ia não sei te falar.

Entrevistadora:
Saíia ali pelo Carmo do Rio Claro?

Entrevistado:
Isso. Aí esse corredor era para transportar gado e o ponto de posada desses boiadeiros era Barranco Alto, os boiadeiros deixava combinado o dia de encontro ali em Barranco Alto que era pousada, tinha um pasto da banda de cá que era da dona Olivia que alugava para os boiadeiros, outros alugavam também para por o gado e ali os boiadeiros negociava as suas boiadas ali no Barranco Alto. Aí Barranco Alto dava acesso a Campo do Meio, dava acesso a Campos Gerais, dava acesso a Alfenas, mas perto do que ir pela balsa (a balsa é usada atualmente depois das furnas), que saia ali pelo Adauto Rocha, ia por terra, eles não iam na balsa igual vai não (neste momento ele esta se referindo ao porto da balsa atualmente, fazendo uma comparação e localização dos locais de acesso a cidade de Alfenas),eles iam na fazenda Barreiro, o proprietário Adauto Ferreira Rocha e saia para Alfenas. Então era um elo entre Carmo do Rio Claro, Campo do Meio, Campos Gerais, Alfenas e Alterosa. Hoje Barranco Alto é fim de linha, por aí você vê o prejuízo que Furnas trouxe para o Barranco Alto, tirou o direito do povo de ir e vir, acabou.

Entrevistadora:
Barranco Alto era mais desenvolvido do que Alfenas na época?

Entrevistado:
Barranco Alto o que encontrava no comercio do Barranco Alto não encontrava no comercio de Alfenas, saía gente de Alfenas para fazer compra aqui no Barranco Alto. O cartório de Barranco Alto era tão bem equipado, tão preparado que toda escritura importante de Alfenas vinha para o cartório de Barranco Alto isso ocê (você) pode comprovar lá a desapropriação de Carmo do Rio Claro, até Paraguaçu tudo feito no cartório de Barranco Alto.

Entrevistadora:
E esses documentos todos têm lá no Barranco Alto?

Entrevistado:
Tem. Inclusive quando eu estava lá eu tinha os mapas de tudo, o mapa das terras, das desapropriações. As desapropriações de Furnas foram feitas no cartório de Barranco Alto, as principais escrituras de Alfenas, tipo o mercado municipal uma escritura de quarenta páginas um livro deste tamanho (com gestos indica o tamanho do livro) feito aqui no Barranco Alto, porque a escritura do mercado não é um prédio, é um prédio com seu Box de fulano de tal, tal Box de ciclano, tal bar e assim vai, se não me engano eu tenho essa escritura aí. Aí veio Furnas né igual eu te falei trouxe o beneficio para o Barranco Alto que é a energia elétrica coisa e tal, mais comparando os benefícios que Furnas trouxe para o Barranco Alto e os prejuízos deixados não pode nem comparar, Barranco Alto foi muito prejudicado, foi super prejudicado, o que sobrou do Barranco Alto quando veio Furnas? Sobraram pessoas que se quer tinha condição de mudar, teve que fazer barraco de pau a pique, mudar de lugar para cima. Porque todos que tinham condições de mudar, mudaram, foram embora porque acabou com o Barranco Alto, ficou apenas umas casinhas muito pouco na rua de cima. Barranco Alto da onde pegou a represa pra cima, mudou de lugar entendeu? A igreja era mais no alto e a vila era mais embaixo, só passava para cima uma rua com poucas casas, de certo foi programa pra ir crescendo pra cima e a igreja ficar no centro, geralmente a igreja católica é no centro. Também existia um barco em Barranco Alto na época, que nós não temos hoje, furnas assumiu deixar esse barco com a gente deixou um bom tempo e depois tirou e babau. Esse barco era movido apenas com a força da água, não tinha combustível não usava nada, o ribeirão tinha a correnteza, era barco boiadeiro também, uma boiada ia para o Campo do Meio, outra boiada ia para Campos Gerais, era nesse barco que passava. Esse barco era o seguinte: Era um cabo de aço esticado, não sei se você já viu falar neste tipo de barco. Então como é, tem a correnteza, o barco é preso num cabo de aço em cima, aí o leme, se o leme dá pra cá a corredeira bate toca o barco pra cá, se vira ao contrário ele volta pra cá. Este barco também ficou prejudicado com a vinda da represa. O povo vivia da pesca um rio muito farto, muito peixe principalmente dourado, pra te falar eu cheguei a ver dourado da minha altura. Meu bisavô mexia com ouro, ele buscava ouro em Goiás, trazia e levava estas

outras mercadorias. Tem até uma igrejinha aqui na fazenda que foi onde morreu um boiadeiro, uma parece que a boiada pegou o boiadeiro, a igrejinha aqui é na beirada do corredor e a igrejinha tem até hoje nas terras de Jairo Roberto de Lima, ela tá rodilhada de café, mas ele fez questão de não desmanchar a igrejinha.

Entrevistadora:
Tinha muita festa?

Entrevistado:
Nossa (sorri) era festa do Rosário, festa de São Sebastião, nossa um folclore muito rico com congada, companhia de Reis, eu cheguei a lembrar do finzinho, finzinho, mas tem gente que chora de lembrar das festas. Festa muito boa com barraca, gente que saia de carro de boi e arranchava no Barranco Alto ficava a festa inteirinha arranchada não perdia um dia da festa.

Figura 10: Jaime de Oliveira, nascido em 1943 – 72 anos.

Fonte: acervo pessoal de Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Morador do Bairro Mandassaia, sempre morou neste local e sempre trabalhou na agricultura, casado, pai de onze filhos (dois morreram quando crianças), e a maioria dos filhos mora no Bairro Mandassaia. O senhor Jaime ainda mora na mesma casa que foi de seus pais, segundo ele a casa tem mais de cem anos.

Entrevistado:

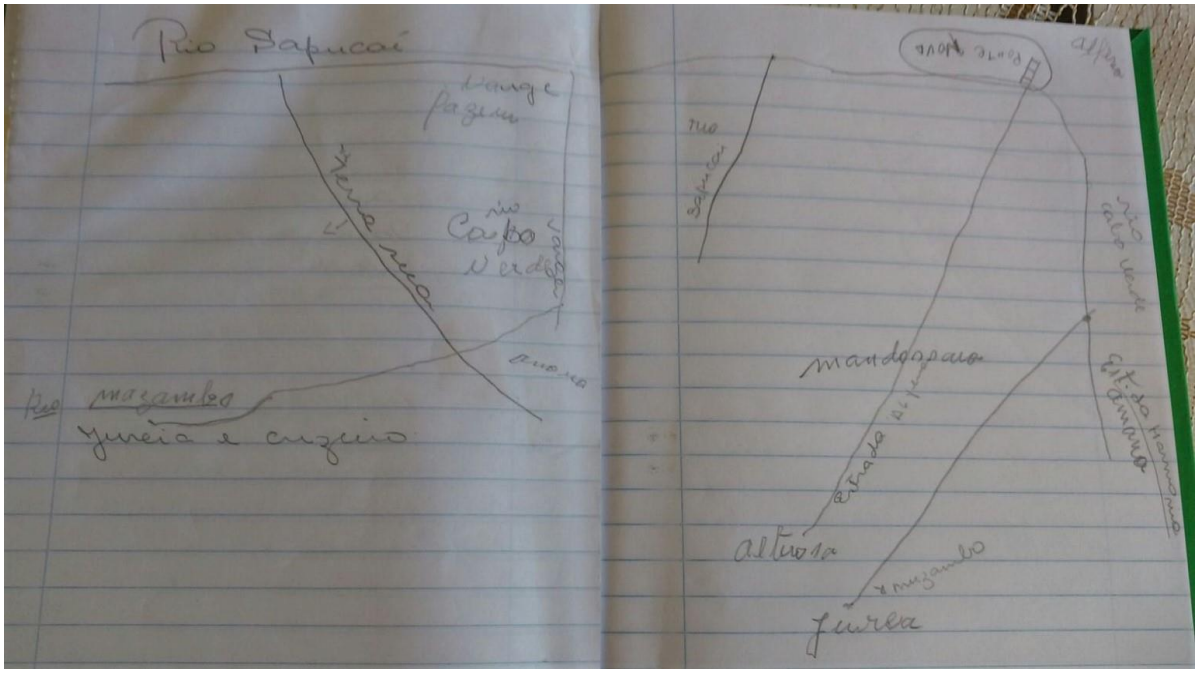
A história de Furnas começou quando o assunto aqui no Mandassaia era se o presidente assinar vai sair uma represa né, que vai ocupar isso tudo aqui de água, quem veio com a notícia foi um italiano chamado Marcos, ele também morava aqui, como meu avô era italiano eles ficaram colegas; minha mãe que era filha de italiano. Ele vinha muito aqui conversar, aí um dia ele chegou e falou: Há Onofra vai zangar tanto a nossa região aqui. Mais porque seu Marcos? Porque se entrar um presidente que assina pra vir a represa, vai inundar tudo aqui a nossa região, vai acabar com as varges (várzeas) do rio.

Minha mãe não acreditava. Uai seu Marcos, essa represa vai ser aonde? Vai ser no Rio Grande, lá pros lados de Ilicínea, lá pra aquele fundão. Há bem capaz que vai atingir aqui seu Marcos! Não lá a serra faz um funile (funil) e eles vão fazer a represa neste funile e represa muito porque não tem onde a água vazar lá pra baixo. Mais aí minha mãe não acreditou de jeito nenhum.

Aí entrou o Juscelino que assinou pra vim a água, foi quando a Furnas soltou os jipe para vir fazer as demarcações até onde a água vinha, aí foi aquele barulhão daqueles fazendeiros. Eles chegaram e foram avisando os que quisessem ir vendendo, já podiam ir a Alfenas pra passar as escrituras e receber o dinheiro. Aí o dono, falava assim: Eu não vendo minhas terras. Então você vai ser desapropriado sem receber, o dinheiro vai ficar no banco.

Aí quando veio vindo, veio vindo, começou lá em baixo e vem, aí tinha um tal fazendeiro aqui no Sapucaí (ou Cabo Verde, porque o rio Sapucaí desaguava no rio cabo verde), (neste momento o senhor Jaime pegou um lápis e um papel e desenhou os rios e as terras deste fazendeiro, para mostrar a quantidade de terra na várzea do rio que ele possuía). As terras deste fazendeiro não era bem aqui no Mandassaia, aqui neste desenho dá pra ver bem onde era as terras do José Alves. As terras dele eram tudo de varge, não sobrou quase nada e o que sobrou era terra seca, de tão magoado que ficou, não queria nem ver a água da represa, uns falaram que ele comprou terra lá pro lado de Alterosa, mais não lembro dele por aqueles lados não, ele sumiu, não tem notícia dele.

Figura 11: Esquema de próprio punho de Jaime de Oliveira.



Fonte: acervo pessoal de Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Aqui vinha o Sapucaí – aqui vinha o cabo verde e desaguava aqui né... Então aqui era a fazenda, pegava essa varge (várzea) aqui, a fazenda do José Alves era aqui.

Então esse homem ficou meio louco, aí nisso, uma namorada do fio (filho) dele caiu na água do Sapucaí do lado do Barranco Alto, esse rapaz ficou uns oito dia na beira do rio sem comer ficou lá até achar o corpo. Aí o povo falava que era o nego d'água que tinha comido ela, outro inventava outra lenda, até que acharam o corpo dela, mais tava tudo deformada, porque os peixes come né.

Então quando falou que ia desapropriar, o povo falou: já que não tem jeito vamos vender. Vendeu a preço que o povo lançava pra pagar imposto, eles lançavam baratinho pra pagar menos imposto. O presidente viu aquilo; essa terra não tá dando lucro, mais dava muito lucro, os fazendeiros eram bobos. O Juscelino entrou assinou pros americanos fazer à represa.

Nossa aí virou aquele rebuliço, o Juscelino veio aqui em Arfena (Alfenas) que era uma das cidades maior atingida, não era tão grande na época, mais era maior que Carmo do Rio Claro, Areado, Alterosa, Fama, Ilicínea, aí fez a reunião com os prefeitos, veio os prefeitos, os fazendeiros, eles queriam até bater no Juscelino, (risos), parece que era para ficar com 65 metros a barragem, aí o Juscelino "embirou" por causa de eles ter dado vaia nele, acho que levou ela para quase 90

metros de altura, por isso que veio para aqui, porque ela não ia atingir o rio Muzambo, acho que nem o Cabo Verde, porque a notícia que via falar - a gente não sabe - o povo falava demais, que ela ia ficar num sarto (salto) que tinha lá pra baixo do Barranco Alto, ia ficar lá pra baixo do Barranco Alto, ela não ia chegar a pular o sarto. Nesta erguida que deu ela pulou e veio embora pra cá.

Teve gente que ficou sem receber até hoje, porque era muito barato né, aí não quiseram vender. Do meu pai memo (mesmo) entrou um pedacinho na faixa, aí pegou, veio um afilhado dele, um tal de Zé Arruda. Padrinho Hipólito eles me avisou pra eu receber a escritura, porque eles vão me pagar a faixa que vai pegar o que é meu, o senhor acha que adianta? O pai falou: há eu vou vender meu pedacinho barato memo, dá pelo menos para eu comprar uma bezerra. Há então eu também vou vender! Aí um foi pegando conselho do outro e foi vendendo, porque não ia ter jeito memo, porque era lei Federal, então ia entupi memo e o presidente pagar o preço que eles queriam não ia memo, então não tinha jeito de tocar demanda. Teve muitos fazendeiros que ainda tocaram demanda, mais não ganhou, e o dinheiro ficou em juízo.

Mais aí pra nóis aqui ficou muito difícil né, porque ninguém tinha condução (automóvel), balsa não tinha, era uma canoa de motor que atravessava então a gente queria ir a Alfenas, travessava na canoa de motor, pegava o leiteiro (caminhão leiteiro que transportava o leite das fazendas) da outra banda, quando ia umas quatro, cinco pessoas arrumava um carro de aluguel que trazia até a beira d'água, atravessava de lá pra cá e vinha a pé. Eu não me lembro em que ano que a balsa veio, mais ficou muitos anos sem balsa aqui. E no dia que teve a reunião em Alfenas ele falou assim: a água vai vir, vai represar aqui as varges, mais sem ponte, estrada e mata burro ocês não vão ficar, aqui no município de Alfenas as estradas e as pontes vão ficar por conta do Dr. Emilio da Silveira, prefeito da época (ele era do PSD), partido do Juscelino, e era cabo eleitoral, então o que o Juscelino falasse ele obedecia e os fazendeiros também amoleceram.

A ponte não era pra ser aqui na balsa não, era pra sair na Muquirana vindo do Gaspar Lopes, o aterro ia ser no capão, onde era o lugar mais estreito, mais o povo preferiu a balsa. Mas bem antes da represa aqui no Mandassaia, quando entrou o Pedro Siqueira, de Prefeito de Alfenas e o Prefeito de Alterosa acho que era o Lésio Terra, eles combinaram de ligar o município, o prefeito de Alfenas ficou responsável de fazer a ponte e o prefeito de Alterosa a estrada, acabou que a ponte foi o povo

daqui que fez, meu pai memo puxou muita tora lá do mato da picada, que era do Borjão, aí cada um deu um pau de madeira pra serrar os pranchões, os esteios da ponte. Meu pai tinha um carretão de pôr as toras em cima, que ia ficava maneirinho para puxar, o povo hoje nem conhece o carretão, era uma beleza, meu pai puxou tora que não foi brincadeira, e os pranchões tudo serrado na mão, não tinha motosserra, e a prefeitura deu o serrador e alguns parafusos, alguma coisa. Fez esta ponte nova, aí ligou o município aqui também do Carmo do Rio Claro até o Barranco Alto, aí vinha um ônibus do Carmo do Rio Claro que passava lá no alto do João Bernarda, e vinha outro de Alterosa, (expresso Alterosa) jardineira, passou uns boletins que ia passar duas vezes por semana, terça e quinta feira. Então o pai reuniu os compadres dele, reuniu a turmada lá na venda do Zé Delfino, comprou uma caixa de fogos e aí falou: vai melhorar demais pra nós com a passagem desse ônibus aqui, porque duas vezes na semana, porque pra quem ia pegar o trem de ferro lá na Harmonia pra ir para o Gaspar Lopes, Do Gaspar Lopes tinha uma jardineira que levava pra Alfenas, de tarde trazia o povo para o Gaspar Lopes e pro Harmonia, depois o povo daqui do Mandassaia ia buscar os parentes lá na estação do harmonia, ia a cavalo. Então mandaram avisar o motorista (o Dilú) que a hora que ele chegasse lá no alto era para começar a buzinar, há a gente fica até emocionado né. Aí o Dilu começou a buzinar e daqui eles começaram a estourar os fogos, foi uma festa. Meu pai juntou bastante gente para ir para Alfenas, isto pra animar o motorista. Depois pediram para ele fazer a linha dia de sábado também para os mais jovens ir passear em Alfenas e para arrumar namorada né (risos), e ele fez a linha no sábado. Mais precisava ver o movimento que deu no ônibus, terça, quinta e sábado. Entrou também a linha do Carmo do Rio Claro, aí melhorou ainda mais, porque ela fazia segunda, quarta e sexta, só domingo que não tinha.

Veio a represa e ficou tudo na estaca zero de novo, não tinha mais trem de ferro, não tinha mais a ponte nova pra atravessar, dependia da canoa a motor. Depois que veio a balsa foi que normalizou um bocado, mais demorou, ela veio véspera da eleição em que o Samuel Viana Valadão ganhou do Adolfo Engel.

A linha de ferro parou por causa da Furna, ela fazia de Jureia à Cruzeiro no estado de São Paulo, a linha era Jureia, Trompowski, Movimento, Areado, Harmonia, Gaspar Lopes, Alfenas, Fama, Jovino de Brito, Varginha, Três Corações, São Lourenço, depois entrava em São Paulo. Nós íamos para Aparecida do Norte, pegava o trem aqui no Harmonia as 7:00 horas da manhã, pousava lá em Cruzeiro

no estado de São Paulo, mas era uma viagem tão boa, tinha restaurante no trem de ferro de Varginha pra frente, aqueles que queria almoçar, almoçava. Mais a maior parte que ia de romaria levava matula (risos), na ida era frango mexido, queijo, pé de moleque, na vorta (volta) era paçoca de carne de vaca, queijo e pé de moleque, porque o frango tinha que comer na ida senão azedava (risos) e a paçoca não azeda, podia ficar uns dez dias, porque era socada no pilão com farinha, há era uma beleza. Pousava em Cruzeiro, no outro dia pegava a central que vinha do Rio de Janeiro para São Paulo, e aí para Aparecida do Norte, nóis ficava lá uns dois dias, e depois voltava de novo pra Cruzeiro e depois pegava a Rede Mineira de Viação. Lembro que quando ia atravessar o túnel tinha que fechar as janelas, porque era tocada a lenha, aí vinham aquelas brasas, aquele carvão. Quando atravessava tava até suando a janela de calor e de fumaça, mais era bom, precisava ver (risos). A Rede Mineira entrou em São Paulo, em cruzeiro, aí a Mogiana que vinha de Campinas passava em Aguaí, Casa Branca, entrava um pouquinho em Minas também pra vir em Jureia então ali cruzava.

Esta firma que cortava os rios começou cortando o Cabo Verde, aí varou lá no Sapucaí, cortando as vortas (voltas) do rio, porque aí não ia dar enchente, porque a enchente matava muito arroz nas partes mais baixas. Então cortando essas vortas de rio, não ia ter enchente muito grande, podia ter dois a três dias, mas depois ia embora. Quando foi pra cortar o rio Muzambo, veio o projeto de Furnas aí dispensou a Firma, porque o serviço ia ficar perdido mesmo.

O povo plantava muito arroz aqui, um tal de João Arruda tinha duas famílias, era muita gente, entre noras, filhos, genros e netos ele tinha mais ou menos umas vinte e cinco pessoas, ele plantava arroz, e neste tempo não tinha nem plantadeira, nem matraca de mão não tinha, era tudo plantado de enxada, não tinha trator, arava tudo de boi, meu pai arava desde o mês de setembro até dezembro pro fazendeiro Luís Leite. Arava de boi e desterroava com tal desterroador de pau do feitio de uma grade só que ele não picava, só acertava a terra. Este João Arruda plantava mais ou menos uns vinte e cinco sacos de arroz, tudo cavado de enxada, aquele povão era até bonito, uns covando de enxada e os outros semeando o arroz.

O João Arruda vinha aqui na casa do meu pai porque ele não tinha boi de carro, falava pro meu pai mandar os meninos ir lá com quatro bois de carro para tampar o arroz, porque as rolinhas já estavam comendo o arroz todo. Então amarrava uns galhos atrás dos bois e ia tampando o arroz. Ele colhia aquele mundo de arroz, o

Francisco Leite tinha um armazém no Harmonia, ele comprava os arroz e mandava pra Varginha, Três Corações , São Lourenço, tudo embarcado no trem de ferro. Tinha um embarcador de boi também que ficava em Três Corações, o Luís Leite embarcou muito boi também. A maior parte dos bois ia por estradas, os fazendeiros mais pobres tinham peões para levar, ia daqui até Goiás, saía por Carmo do Rio Claro e ia embora, o Zequita Prado levou muito boi pro estado de São Paulo, ia até Itaiquara para embarcar lá e ir para campinas.

Se não fosse a represa (pausa), eles estavam colhendo batata e trigo nestas varges de rio, a terra era boa, não precisava de adubo, calcário. Depois que veio a represa, se não tivesse adubo e calcário não colhia nada, porque as terras secas eram fracas. Assim veio a represa, nóis passamos muito aperto com a plantação, passamos muita farta das coisas, porque o arroz memo nóis não colhia. O povo que ainda tinha umas varges de corgo (córrego) coía (colhia) um pouco, o resto não coía quase nada.

Antes de vim a represa, o povo pescava muito, tinha muito peixe, curimbatá, carpa e quando a água abaixava ficava as lagoas, e os peixes ficavam perdidos nelas. Quando era tempo de seca ia com um vizinho pescar, arrumava uns balaios furava o fundo dele e ia bater lagoa, nóis pegava muito peixe. Uma vez fomos a cavalo, pegamos uns vinte quilos de curimbatá, demos para os vizinhos, porque se não pegasse e a seca fosse muito grande eles morriam lá mesmo, porque a lagoa secava e naquela época era liberada a pesca. Tinha lagoa que não secava aí o povo ia bater lagoa nas varges. No tempo da seca não tinha muito serviço, só trabalhava no tempo das águas, colhia o arroz, o feijão, o milho e no tempo da seca ficava meio atoa. Então dia de semana ia aquela turma com os balaios na cacunda bater lagoa. Pegava aquela peixada, tinha alguns que punha pra secar no sol, salgava bem e depois ia vender os peixes lá no morro cavado, em Conceição Aparecida, punha os peixes no cargueiro ia a cavalo vender os peixes.

Era um movimento grande demais, nóis ia pro Barranco Alto a pé, ataiava aqui no Adauto Rocha – André Cardoso saía lá. Tinha a parte do ribeirão, pinguela, uns ia a cavalo, outros ia a pé, portanto festa no Barranco Alto era muito animada sabe! O povo desta região ia tudo, era aquele povão, ia de madrugada e voltava de noite, se a festa tivesse boa, o povo voltava no outro dia.

Aqui para ir para o Areado também era perto, passava ali na ponte da Maria Ozória, lá embaixo, e a ponte do Zé Sabino mais em cima, era aquele movimento pra ir pro

Areado também. Qualquer lado que queria ir dava acesso. Pra Alterosa não impediu nada o caminho, porque Furna não chegou a cortar. Cortou só um pouco porque antes passava pela Cava e uma tal de Estiva, agora ficou um pouquinho mais longe, mais não impediu a estrada. Mais eu sei que muita coisa acabou (suspirando).

Aqui no Mandassaia tinha muita festa, e boa, a estrada do Barranco Alto vinha até na Barra, e que saía no Gaspar Lopes para ir para Alfenas. Eles queriam fazer uma festa aqui e como era o padre João que celebrava missa aqui nos dias de festa (ele era padre do barranco alto) e ele vinha a cavalo, então como o padre tinha um jipe e pra ficar mais fácil para o padre, resolveu abrir a estrada, meu pai reuniu os vizinhos e com arados fez a estrada da Barra até o Mandassaia, aí teve festa dois finais de semana, o padre ficou satisfeito. O padre João era estrangeiro, ele vinha celebrava a missa mais cedo, porque ele também tinha que celebrar missa lá no Barranco Alto, quando ele chegou à região ninguém entendia muita coisa que ele falava, ele tinha uma barba meio comprida, mais era muito bom. Depois que acabava a missa era festa a noite inteira, tinha um alto falante oferecendo música, leilão.

Aqui no Mandassaia inundou muitas casas abeirando estas varges, foi preciso arrancar tudo e mudar as casas lá pra riba, mais muitos vendeu o pedacinho pro vizinho e foi embora pra cidade, foi pra São Paulo, Goiás, Paraná. Porque a pessoa tinha um terreno pequeno, e uma varginha onde ele coía (colhia) o arroz e no tempo de seca soltava umas vaquinhas ali, depois que tirou as varges sobrou só um pedacinho aí não dava pra fazer nada. Os pequenos foram os que mais sofreram, porque além de ter perdido as terras da varge, o que sobrou teve que vender barato. O povo ficou muito triste (pausa), nossa mãe!

Eles falaram que em 62 ia inundar o povo não acreditou, eles achavam que ela não vinha, tanto que plantou muito arroz, nóis memo perdemos muito arroz. O siveste (Silvestre) e o bastião candio (Sebastião Cândido) tinha um arroizá no que é do Zequita Prado, o arroizá tava começando a amarelar, aí a turma falava: Siveste a água tá lá no Barranco Alto, e teu arroz que jeito que tá? Há tá quase madurando, mais a água que vir naquele arroz meu eu bebo, (risos). Ele era um homem muito bom mesmo morava rindo, ele plantava melancia, pepino no meio do arroz, quando vê a água foi só entrando no arroizá dele, os lambaris pulando nos cachos de arroz, via só melancia e pepino boiando por cima da água, não deu pra aproveitar nada.

Foi bem sacrificado, o povo mais pobre era os mais prejudicados, eles que ficaram sem terra, sem jeito pra trabalhar, sem condução.

Figura 12: Luís Marcelino, nascido em 1925 – 90 anos.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Nascido no bairro Mandassaia, casou-se, teve apenas uma filha que hoje já é falecida; após o falecimento da filha se separou, morava sozinho na cidade de Alfenas, onde a entrevista foi realizada. Morou no Bairro Mandassaia até dia doze de agosto de mil novecentos e setenta, quando mudou para Alfenas, deixando de ser

trabalhador rural para trabalhar na prefeitura de Alfenas, até de se aposentar; depois de se aposentar, trabalhou mais alguns anos no Fórum de Alfenas - MG. Faleceu no mês de Junho de 2015.

Entrevistado:

Meu avô se chamava Joaquim pequenino, ele tinha muita terra, perdeu tudo no jogo e com mulher. Ele tinha muitos filhos, eram nove: sete mulheres e dois homens. O Joaquim Teodoro era um fazendeiro que morava ali perto, então quando meu avô precisava de alguma coisa, algum dinheiro, ia lá e com isso ia um pedaço de terra, foi indo até ele comprar toda a terra do meu avô.

Ali no Mandassaia era movimentado demais da conta, era cheio de gente, na casa dos Bernardas era muito movimentado, a família era grande, juntava a vizinhança e afora os que trabalhavam lá. Se você sentasse ali para ver quanta gente passava naquela estrada, você não vencia contar. Gente que vinha para casa da Maria Teodoro, Antônio Custódio, José Delfino, (onde tinha uma venda e um campo de futebol), ali trançava de gente o dia inteirinho, (estrada que fazia ligação para diversos sítios do bairro Mandassaia), e as casa eram bem próximas umas das outras. Ali era um movimento só, as estradas eram movimentadas, ali era um doce, isto até 1960, ali era um doce, uma moçada, uma rapaziada, era tudo amigo. As moças e os rapazes dobravam lá pra Maria Teodora, eles eram tudo solteiro lá tinha uns dozes rapazes e moças e tinha também a colônia dos André, então aquilo era festa o dia inteiro, sábado e domingo só festa, era violão, era violino, cantando, era bonito demais, era bom demais.

Aí em 1960 a água veio, escapa um dali, escapa outro daqui, foi parar gente até no Paraná, aí desandou tudo. Mais antes da água vir era um doce aquilo ali, (pausa... fica pensativo durante alguns segundos com olhar perdido, como se estive visualizando o passado) era bom demais (suspirando).

Tinha o rio que passava lá no Paulo Teodoro, ali descia no Harmonia, ia sair lá na Barra no ribeirão São Joaquim, Cascalho e na tal serra e no Mandassaia. O que separava o bairro Serrinha e o bairro Mandassaia era só um ribeirão, para ir pro outro lado da serra era só atravessar a pinguela, para ir para o Barranco Alto era pertinho. O Barranco Alto acabou também, tem hora que eu fico pensando, pensando, aquilo ali era muito bom.

Antes de vir a água, até 1950, não tinha condução, nós passava pele ponte nova, que saía pro lado do Harmonia. Depois veio o ônibus do Dilú, ele era muito bom, a gente trabalhava pras bandas do Harmonia plantando arroz, feijão, quando era de tarde se tava cheio de gente lá dentro (ônibus) ele mandava nois trepá no bagageiro, lá em cima do ônibus, nóis ia em dez, doze pessoa trepado no ônibus.

Depois veio o ônibus do Angelino que vinha do Barranco Alto e passava ali, nossa era um movimento que precisava ver, e a alegria, a gente toda brincando, rindo. O povo dançava baile à noite inteira e a semana inteira, e era muito divertido, era muito bom. Uma fartura que precisava ver, eu trabalhava pro Joãozinho Custódio, eu plantava e vendia e nóis repartia o lucro, colhia de cem a cento e cinquenta alqueires de arroz, ensacava e vinha cá pra Alfenas e vendia. O último caminhão de arroz que eu vendi foi lá pra Monte Belo, vendi três caminhão de arroz, cada um era trinta e um conto e seiscentos, pra receber eu vinha aqui em Alfenas pegava o trem e ia pra Monte Belo.

Aí a água veio... Quando a água veio eu perdi meu arrozá (arrozal) carregadinho de cacho, o lambari pulava no cacho de arroz assim (fazendo gestos com a mão) chacoalhava o cacho maduro, e o arroz caia na água, não fui só eu que perdi, muitos companheiros perderam.

(Neste momento da entrevista o senhor Luís vai relatar sobre seu trabalho que desempenhou na empresa Construtora R. Faria do Rio de Janeiro, durante um período de tempo esta empresa fazia a limpeza das margens do rio para que não ocorressem enchentes).

Eu trabalhei na Construtora R. Faria do Rio de Janeiro de 1954 a 1956, nós paramos porque em 1957 o Juscelino assinou para vir a represa.

O rio tinha muita vorta (volta), nóis ia limpando, deixando mais reto e largueando e afundando mais o rio, o lugar que era brejo que se falava que só servia para criar sapo, o povo plantava naquelas beiradas e colhia muito. Quando eu casei acompanhei essas máquinas até Itajubá, isso em 1957 foi quando eu casei aí eu fui plantar, até 1961, 1962 eu ainda plantei.

Antes de vir a água, nós pegamos lá na Barra e viemo ataiando o rio, o rio ficava fazendo vorta assim (gesticulando com a mão), nóis pegamo com a máquina lá e viemos roçando, o rio ficou quase que numa reta de baixo até em cima, mais antes disso quando foi pra fazer a dragagem, o povo falava a Furna, a Furna, e eles já estavam fazendo a Furna. E eu fui lá ver, nós fizemos uma lotação e fomos lá para

ver se era verdade, meu cunhado trabalhava lá (o Mirton), na Furna, aí especulei tudo direitinho. Aí vortemo, (falando com os moradores do Mandassaia), é, acabou nossas varge (várzeas), nossas varge de rio acabou tudo, aí o povo falou: Não fala isso pra nós não. Acabou né, passando da estação de Areado prá cima, vai encher tudo. Aí o siveste (Silvestre, morador do Mandassaia) falou assim: Tem gente tão boba neste mundo, este Luiz quer ser mais do que os outros: a água que vim e que passar pra cima do rio eu bebo. Aí eu falei, se ela vim não, ela vai vim. Não acredito nisso não, isso é bobagem, esse povo é bobo. Agora você pensa bem aonde tá Passos, de lá veio represar água aqui, agora veja o mundo de água que tem lá, mais de setenta metros de altura. Aí a água veio, ela veio pegando roça, arrozá que tava moreninho na hora de colher, foi enchendo tudo. É, agora quero encontrar com aquele bocudo, quero ver se ele já bebeu a água do arrozá dele. Aí nos encontramos e eu perguntei: E aí ocê já bebeu a água do teu arrozá? Ocê falou se a água passasse pra cima ocê bebia. É,eu não acreditei no cêis não, não acreditei que a água vinha.

Se fosse só no Mandassaia, mais quanto coitadinho que perderam as terras. Ali no Harmonia, o Luís Leite coitadinho, tinha terra do Mandassaia até lá na Harmonia, aquele matão do Zequita Prado era dele ia lá no João Bernarda, quando a água veio ele ficou meio tonto. O funcionário da Furna disse que o dinheiro dele tava depositado no banco, então ele perguntou quanto de dinheiro tava lá, e o funcionário disse que tinha oito milhão; então ele falou: Mas dar este tanto de terra por oito milhão! É o que o governo pagou. Coitadinho do Luís Leite morreu de desgosto, e morreu um par deles. Já pensou, o quanto de casa tinha na beira d'água.

A fazenda do Luís Leite era um fazendão, ele pintou a casa do lado de fora, ocê olhava aqueles broachos na casa inteirinha, ele era coronel, tratou contra a Furna mais não teve jeito mesmo, teve que aceitar aquele dinheiro. Quando falaram que ia fazer a Furnas, os funcionários já vieram medindo de fora a fora nas beiradas do rio, de um lado e do outro, eles punham uns piquetes de cimento.

O Mandassaia era tão bom, que se essa Furna não vem, não poderia trocar Mandassaia em troca de Alfenas de tão bom que era. Um povo humilde, bom, era bonito, tinha muita gente, muitas famílias lá, uma casa pertinho da outra, nóis fazia compra no Barranco Alto, era mais perto, lá tinha a venda do Zé Leriano, lá tinha um montão de venda.

Lembro, acho que foi em 1953, quando nóis fizemos a ponte nova, puxei muito pau para lá, ela ficava ali do lado de baixo do porto da Harmonia, saía lá do capão, perto das terras do Delfino Ruela, perto dos Teodoro, dali ia para o Barranco Alto e para Alterosa. Quando a água veio a linha de trem aqui no Harmonia, a ponte de ferro ficou debaixo d'água, a nossa ponte nova também ficou debaixo d'água, ela tá lá, se secar ela aparece. O povo foi mudando, aqui em Alfenas tem muita gente do Mandassaia, Guaxupé, Muzambinho, um tanto em São Paulo.

Você precisava conhecer Barranco Alto antes da água vim, que coisa mais gostosa que era, passava na porta da igreja ali, a onde é a igreja nova era o cemitério velho, aí fizeram o cemitério lá para cima, e fizeram a igreja nova onde era o cemitério. Dia de festa a rua ficava cheia de gente, tinha festeiro de congo eles iam dançando e as fitas iam trançando uma na outra assim (mostrando o trançado da fita) o capacete todo enfeitado com duas fitas, era bonito. O Barranco Alto também acabou coitadinho, nóis saía lá do Mandassaia numa turma de dez, doze pessoas e ia a pé pra festa lá do Barranco Alto, ficava lá até tarde da noite, há tempo bom!

É aquelas varge fez muita falta quem tinha um pedaço de brejo tinha que destocar, ou plantar nas terras secas, (pausa) fez falta, muita falta, quebrou muita gente!

Figura 13: Estevam Lindolfo Cabral. Nascido em 1925 – 90 anos.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Na época da inundação tinha mais ou menos trinta e seis anos, casado com filhos. Viveu toda a vida como agricultor até a aposentadoria, mesmo aposentado

não deixou de lidar com a terra. Hoje é morador na cidade de Alfenas com 90 anos, mas viveu algum tempo em outras regiões.

Entrevistado:

Naquele tempo não tinha muita casa de cimento, as casas eram feitas de barro, adobo, era barreada. Muitas casas ficaram debaixo d'água, a casa do papai era grande, de alpendre, a nossa casa ainda deu tempo de desmanchar, aproveitar um pouco dos tijolos, telhas, pouca coisa, mais muita casa ficou debaixo d'água. O pai perdeu cem arqueiros (Alqueires[16]), eles não deram nada pra ele, eu tinha vinte arquero, aí eles queriam me dar duzentos e sessenta mil réis. Eles iam lá em casa e falavam: Você não vai pegar o dinheiro (neste momento ele imita os furneiros alterando o tom de voz e gritando) e aí eu falava – aqui ô ocês sai daqui, que eu vou passa o coro, sai daqui senão eu vou meter o porrete, some daqui, o que eu vou fazer com esse dinheiro? Aí eles iam embora. Esse dinheiro tá tudo lá em Belo Horizonte, porque eu fui lá uma vez. Porque as terras que sobrou eu dei pra eles, pros fios repartir as terras, aí eles acharam que eu tinha pegado o dinheiro, aí nóis foi lá. Aí eles falaram – você quer levar o dinheiro, ou dou os mesmos duzentos e sessenta mil réis, sem juros, tá aqui. Aí os filhos falaram – não paga nem a ida em Belo Horizonte.

Aonde a água pegou, judiou demais, muito triste mesmo. Os fazendeiros perderam muito barracão, casa, plantação, terra, teve fazendeiro que perdeu muito arqueiro. Meus vizinhos perderam as fazendas tudo, lá no fundo de casa, perto de casa tinha um homem, ele tinha uma família grande, ele era muito bom, a água pegou tudo (pausa) tudo, uns quarenta arqueiro, não deu nada (se referindo à indenização) saíram sem nada, uma tristeza, saiu com as coisas no carro de boi, com o arroz, sem saber onde ia morar.

---

[16] Unidade de medida de superfície agrária equivalente em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás a 10.000 braças quadradas (4,84 hectares), e em São Paulo a 5.000 braças quadradas (2,42 hectares). Nomenclatura abreviada: hectare = hec = há.
Em metragem 1 hectare = 10.000m² (medida padrão internacional). Então temos:
1 alqueire Goiano = 48.400m² = 4,84 há
1 alqueire Baiano = 96.800m² = 9,68 há
1 alqueire Paulista = 24.200m² = 2,42 há
1 alqueire do Norte = 27.225m² = 2,72 há
1 alqueire Mineiro = 48.400m² = 4,84 há
Disponível em: Terra Geoprocessamento e Soluções Ambientais. <http://terragsa.com.br/site/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=8>.

O meu pai quando casou ele tinha um sítio de doze arqueiro de terra, quando ele morreu deixou duzentos, ele comprava arroz de cinquenta, sessenta arqueiro e vendia pro Chico Garlhardo, ele puxava arroz pra Campos Gerais o mês inteiro, ia ganhando dinheiro e comprando terra, ele gastou muito dinheiro em terra.

Eu tinha um tio que ia todo sábado lá pra casa pra nóis dançar cateretê (risos), só que tinha que ter pão senão ele ficava brabo, aí nóis ia buscar pão no Barranco Alto de canoa, atravessava de canoa pra não pagar o barco (risos). Todo sábado nóis ia pro Barranco Alto, meu tio tinha uma casa lá, esta casa a água não pegou. A casa do meu pai no Barranco Alto era perto da igreja, do lado de cima, era de dois andares, tinha porão por baixo e casa em cima, meu pai chamava Lindolfo, minha vó deixou essa casa lá.

O barqueiro era o Zé Maria, ele tinha um sítio na beira do rio, ele criou a família inteira na beira do rio. Nóis chamava ele e os fios dele de peixe, nóis arranjava eles pra ajudar a tocar o gado no rio, eles tinham umas três canoas. O gado ia a nado e eles iam cercando o gado e nóis ia tocando o gado pra atravessar o rio, mais de cem cabeças, nóis pagava eles pra ajudar senão o gado ia embora rio abaixo, eles nadavam muito bem, se caísse da canoa eles iam nadando do lado dos bois e cercando a boiada. Nóis vendia o gado pro Borjão e pro Zequita Prado, eles eram muito ricos, quem tinha gado pra vender vendia pra eles.

As terras baixas foram todas inundadas, as que nóis tinha dava pros filhos todos plantar, nóis plantava arroz, milho, feijão, lá dava de tudo, achava melancia deste tamanho (mostrando o tamanho... muito grande), as terras eram muito boas, tinha uma vorta (volta) de mata cheia de fruteira (pés de jabuticaba) a gente ia lá buscar. Que fartura gente! Tinha de tudo, a terra era uma beleza, terra boa de capinar, que coisa mais boa! Um farturão, uma coisa medonha de ver, nossa eu colhia tanto feijão, arroz.

Agora vê o que Furnas fez por nóis, não fez nada! Só tiraram nossas terras, o sustento da gente. Agora a água tá indo embora, tá secando tudo, será que agora ela vai devolver as nossas terras. Ah! Não devolve nada, acabou tudo!

Olhando as casas catalogadas por Furnas, ele diz: Tanto que os coitadinhos sofreu para fazer, ficou tudo debaixo d’água. As casas grandes eram dos fazendeiros.

Figura 14: Expedita Maria da Silva, nascida em 1948 - 67 anos.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Moradora do Barranco Alto. Filha de Henrique Lino que, segundo ela, era um dos homens mais velhos do Barranco Alto. A casa que ela reside foi umas das

únicas que não foram atingidas pela inundação de Furnas; segundo relato da moradora a casa tem mais de 100 anos de construção.

Entrevistada:

Somente as terras da várzea foram atingidas, a igreja que foi demolida ficava ao lado da nossa casa. Quando a água começou a subir chegou até aqui no fundo da nossa casa, eles fizeram uma valeta. Todo mundo queria que eles fizessem o muro de arrimo, não precisava tirar a igreja. Papai tinha terra lá no fundão (acena em direção à represa) chamava vargedo.

A igreja era enorme de grande, tinha uma escadona (escada grande) para descer, era linda essa igreja! Tinha um cemitério perto da igreja, mas na época da inundação já tinha o cemitério novo lá no alto, tinha também um coreto aqui perto da igreja, contava minha avó que eles mataram um cara enforcado aqui na época da ditadura. Aqui tinha a casa paroquial, era o padre João na época, tenho lembrança dele até hoje, era velhinho, baixinho, quem ajudava nós naquela época era o padre João. Ele saía daqui a cavalo e ia fazer casamento lá no Mandassaia junto com a Marta (minha irmã) e o Mirto, depois do padre João veio o padre Máximino. Aqui tinha o cinema (ela sinaliza com a mão mostrando a localização onde ficava tudo, voltando em direção à represa e em direção a sua casa). Aqui era a rua da minha casa, descendo para baixo dessa figueira ali ia uma rua que ia pra lá (pausa), e do outro lado tinha um barranco, era muito grande (da onde originou o nome Barranco Alto) ali a estrada (não há mais esta estrada onde ela sinaliza com a mão, o que se vê é o lago de Furnas).

A gente que vinha do Carmo (Carmo do Rio Claro) todo mundo, o ônibus vinha, passava na rua da minha casa, e subia aqui (mostra novamente o lago de Furnas), e subia aqui, e aqui o ônibus ia para Alfenas, passava ali aonde está aquela árvore ali (acenando o local) onde o pessoal parava pra pegar o ônibus, por isso que o Barranco Alto ficou abandonado desse jeito, ele vinha lá, descia aqui, vinha até a ponte um tal de córgo (córrego) da passagem, era bem ali um corgo, um corguinho, um riozinho. Tinha a estrada cavaleira, nóis apostava corrida de cavalo, os rapazes, as moças, era muito bom o Barranco!

(Novamente mostrando o lago de Furnas, em direção ao outro lado da represa, ela continua seu relato).

Ali saía a estrada de automóvel que eles fala, e a de cavaleiros passava lá aonde tá aquela árvore ali tinha uma igrejinha, aonde meu pai vinha com a boiada, tocava o berrante, ele tinha um cachorrão policial e o cachorro ia encontrar com ele lá, era muito bom o Barranco Alto, precisava de vê, tinha um cinema aqui ô (gesticula com a mão mostrando o local), aqui é a igreja (mostrando o local exato onde se localizava a igreja), Barranco era muito bão. Barranco tinha um negocio da agência do banco do Brasil, aonde hoje é do seu Varto (Valter), era um casebre veio, era pintado de branco e azul, depois o João vilela comprou (...).

(Ela explica porque do nome Barranco Alto).

Aqui tinha uma cratera, o rio era lá em baixo, o rio Sapucaí passava lá (mostrando o local), tinha um barco, o do seu Zé Inácio, era ele que tomava conta do barco, o barco era de carretilha, atravessava no rio pra lá e pra cá, fico pensando no Barranco não tem mais nada era uma fartura. Foi a furnas que acabou com o Barranco Alto, era muito bom, tinha festa de são João , isso aqui arrebentava , vinha gente de todo canto, desmanchou a igreja e acabou com o Barranco Alto. O que ajudou memo a acabar com o Barranco foi desmanchar a igreja véia, negocio de política. O pai do Mané, este senhor fez um abaixo assinado para a demolição da igreja com o apoio do padre, então tiraram a igreja, acabou.

O povo daqui a maior parte é católico, então os fazendeiros que ajudava o Barranco Alto, não era abandonada assim; dia de festa de Reis era cinco dias, meu pai era o festeiro, era cinco dias de festa farta, não era pãozinho com carne não, era vaca memo, derrubada, fazia aquela valeta no chão assim, aquela valentona. O Barranco inteiro comia aqui com nóis. Meu pai fazia festa memo,ele e o Zequita Prado eram os maiores festeiros do Barranco Alto.

Os fazendeiros maiores que tinham aqui era o Zequita Prado, Borjão, José Braule. A mãe do Zé Amando, me lembro era moça nova, ela vinha pro Barranco, ela andava toda chique, era povo que tinha dinheiro.

Mesmo asfaltando o Barranco não chega um dedinho do que o Barranco foi; era muito bom.

Tinha as pastorinhas no mês de maio, os três Reis Santos no natal, festa de congo. Festa dos caiapós de Alterosa (os índios) eles dançavam, a festa do Barranco Alto enchia de gente, tinha folia de reis, da saudade (pausa), tem dia que eu sento ali fora e fico lembrando o tempinho nosso aqui, eu falo, nosso Barranco Alto ficou debaixo dessa água, era pra Furnas ajudar nóis muito aqui, que o Barranco Alto era

um lugar (pausa), vinha todo mundo de fora pra cá, os carros de boi, não esqueço disso. Às vezes fecho os zóio e fico lembrando, os carros de boi vinha lá do outro lado, aquela mudança, um atrás do outro, vinha pro Barranco Alto véspera de festa , quando acabava a festa os carros de boi voltava pra trás , a gente ficava triste. A festa do padroeiro daqui era a festa de São João Batista, meu pai fazia aqueles fogueirão, era mais alto do que aquela torre da igreja (mostrando a torre da atual igreja do Barranco Alto), aqueles fogueirão queimava bem aqui na porta da igreja , era uma benção essa igreja! Vinha gente de lá e de cá. O Barranco era entupido de gente, agora tá morto por sinal, o Barranco morreu, foi morrendo aos poucos, depois que desmanchou a igreja acabou. Sabe aquelas casas de porão, o povo vinha e ficava todos naquelas casas, naquele tempo a gente nem alugava, a vida nossa era tão abençoada, ninguém tinha o negócio de alugar casa não, o povo chegava, comia e bebia na tua casa, todo dia era alegria pra nóis. Aqui nesta rua, onde está aquela árvore (mostrando o local, apontando com o dedo), era a casa do seu amando, que era avô do Zé amando (outro entrevistado) ele tinha umas quatro ou cinco lojas de roupas, de fardo de roupas que ele vendia, aqui era uma beleza, ali tinha um correio que era da Zélia, a farmácia, o barco lá em baixo. Tenho uma saudade.

Pra começar, aqui ficou difícil porque a passagem daqui não tem (quando ela relata isto, ela está falando da estrada que ligava Barranco Alto a Carmo do Rio Claro que foi inundada). Os carros vinham de lá, como vinha da Santa Rosa (fazenda), e Carmo do Rio Claro era um pulinho, tem um morro ali, tem uma igrejinha, aí vinha um montão de carro de boi, carroção, naquele tempo era difícil o nego ter uma caminhonete, era carroça. Naquele tempo o povo era unido, se tinha uma roça no pasto todo mundo ia ajudar no mutirão o povo ficava animado. O laticínio São Bernardo era no fundo da casa do papai, ele arrendou para eles. Quando a agua veio foi uma tristeza, o povo indo embora, veja nóis hoje nesta situação, nóis fomos abandonados.

Um dia quem sabe, Deus ajuda, eles faz pra nóis uma praça, um parquinho pras crianças brincar eu queria que isto acontecesse.

Figura 15: Casa centenária, uma das poucas casas que resistiu a vinda das águas em 1963. Pertencente a Expedita.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Figura 16: Momento da entrevista com Expedita.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Maria Helena Gomes, nascida em 1948 - 67 ANOS.

Nascida em Barranco Alto, na época da inundação morava em Poços de Caldas, trabalhava na casa de um farmacêutico amigo de seu pai. Mas com a notícia da construção da represa volta para tentar convencer seu pai a mudar para Poços de Caldas, não conseguindo convencer seu pai resolve ficar para ajudar sua mãe e seus irmãos. Na época da entrevista era moradora de Barranco Alto e trabalhava como faxineira na escola do bairro, atualmente mora em Alfenas. Por coincidências da vida ela estava no cartório de Barranco Alto, no qual fui tentar buscar histórias do vilarejo. Ela me levou à casa da sua mãe e sentamos na varanda, na qual a entrevista aconteceu.

Entrevistador:
Dona Maria o que a senhora lembra do barranco alto antes da represa? Da infância?

Entrevistado:
Eu lembro que tinha como eu ti falei, da igreja, rua da igreja pra baixo. Eu lembro que tinha uma máquina de beneficia arroiz, tinha a fábrica de laticínio. Ai depois colocaram luz com motorzinho, então, que funcionava até as 10 da noite só e depois apagava. Tinha luz que funciona com motor, aqueles motorzinho antigo a óleo, então quando era 10 hora apagava tudo e ficava no escuro. E que eu lembro é isso, das festa que tinha, as festa muito grande de nossa senhora do rosário, que vinha o pessoal de fora, vinha tudo em carro de boi sabe, trazia para fica a semana intera da festa, duas semana de festa. Ai ficavam, na casa da minha mãe mesmo, ficava minhas tia que morava na roça vinha, fazia barraca no quintal. Porque vinha aqueles carro de boi, em toda casa vinha, sempre tinha alguém os parentes que vinha de fora, que vinha da roca. E era muito movimentado. Depois em frente da casa da minha mãe, tinha uma igrejinha de Nossa Senhora de Fátima, tinha uma festa tambe, 9 dias de novena e depois no último dia era aquela festa grandiosa, tinha leilão todo dia, leilão de prendas todo dia, e era muito bonito, o pessoal gostava demais. E como era na frente da casa da minha mãe, a gente nem precisava sair de casa para assistir a festa, ficava na calçada a fora assistindo, era muito bom na época. Era bom, era gostoso.

Era bem movimentado. Nossa as festa menina do céu, era um movimento, mas um movimento memo, muita barraquinha sabe, aquelas barraquinhas, era uma quermesse, as rua cheia de barraquinha. Depois tinha aquela coroação do rei e da rainha, que seriam os festeiros do próximo ano, ai fazia procissão com a santa, e a rainha vestida de rainha memo, com coroa e tudo, ai fazia, ai ela passava a coroa pra outra pessoa pra outra mulher que seria a rainha do outro ano. Ai no último dia tinha a coroação da rainha, da rainha da próxima festa. Era muito bonito demais. Tinha o coreto, onde tinha o leilão de prendas. Era tudo em frente a igreja lá, nossa aquilo lá era bem grande, enchia de gente, que nossa não tinha nem como vira, tinha muita gente, aquilo era muito bonito. Mas ai quando chego a agua ai mudou tudo. Acabo tudo.

Entrevistador:
Como vocês receberam a noticia, a senhora lembra?

Entrevistado:
Eu tava em Poços de Calda nessa época, falava pelo rádio. Aviso que ia fechar a barrage lá, mas ai demoro muito ainda pra enche. Fecho a barrage, mas teve que junta esse mundo d'agua demoro muito, levo uns três ano ou mais para enche. E no dia que falaram eu tava lá em Poços de Calda eu fique desesperada. Eu era nova ainda né, eu fiquei lá em 62, que eu tava em Poços de Calda. Intão eu achava que ia chega aqui e ia achar tudo cheio. Ai em janeiro, no final de janeiro de 96, como é que foi? 19 e e e e.... 1960, 1962 (confusão da entrevistada em relação a data). E no começo de 63 eu voltei, porque eu fiquei muito desesperada achando que ia chega aqui e sei lá, eu pensei que quando, porque falava toda hora no radio que tinha foi fechada a barrage. Pegava a radio de Varginha, então anunciando toda hora, a gente que era criança, não sei quantos anos eu tinha, porque eu nasci em 48. Eu não era muito velha, eu já tinha saído da escola. Ai eu pensava, gente eu tenho que ir embora, eu tava trabalhando lá, tava empregada já, mas ai eu tenho que ir embora, porque eu achei que não ia nem acha meus pais mais (risos). Ai no final de janeiro eu vim embora, de 63.

Entrevistador:
Então quando a água chegou a senhora tava morando aqui?

Entrevistado:

Tava morando aqui, já tava morando aqui. Quando pego eu já tava morando aqui. Ai eu já tinha ido em São Paulo trabalha, um ano em São Paulo, ai em um ano eu trabalhei em São Paulo e voltei ai a agua já tava bem pertinho da minha casa, da casa da minha mãe, i meu pai falava não vai chega aqui, não vai chega não, imagina. Assim a casa da minha mãe era na rua de cima e a agua já tava subindo na esquina, que a casa era na esquina, já tava pertinho da igrejinha que eu falei sabe. I meu pai falando que não vai chega, que não vai chega, não vai chega, ai ela vai para, imagina a agua não vai chega aqui não, pode fica sossegada, falava pra mãe e a mãe falava a gente precisa sai daqui, e meu pai a agua não vai chega aqui não. E tinha um senhô que chamava José Aureliano, ele fico, ele tinha uma loja de tecido e uma loja, uma espécie de mercearia, do lado de cima onde ele mora era a loja de tecido e embaixo era a venda que a gente falava na época né; intao ele começou a junta tudo o que era coisa e jogando perto da esquina, entre a venda dele e a igrejinha. Então ele jogava tijolo, tudo o que era coisa de entulho assim, foi ponho ali e ficava falando daqui a agua não passa, daqui ela não passa, vou cercar ela aqui; e ele foi ficando meio coisa assim da cabeça sabe, sei lá. Ele ficou muito transtornado com a história e a agua veio subino, subino quando ve a agua foi pegando as casa, quem num coiso, fico de desmanchar e aproveita o material, foi cubrino. E a agua foi subino, quando ve passo, passo aquela coisa que ele tinha feito, aquela barrera (risos). E veio subino, subino ai chego na casa da minha mae, ai o jeito foi sai, a agua entro, ela já chego e entro, subia rápido menina tinha que ve. Ai ela, ai foi preciso, pegava e encostava a canoa assim e pegando as coisa que tinha e carregano pra outro luga. Tiro de canoa as coisa da minha mãe, ai no fundo uma parte da casa era de adobe e já foi caindo, caindo a parede do lado do fundo. E subiu, subiu até ela onde tinha que subi. Foi em trêis etapa, na primera subiu um tanto e parou, na segunda etapa...

Entrevistador:

A casa de vocês foi pega nessa primeira etapa?

Entrevistado:

Não, acho que foi na última etapa. Ela subiu um poco e paro, na primera etapa, de certo era pra testa a barrage tamem. Ai depois passo uns tempo, alguns meses, ai

foi a segunda etapa, subiu mais um tanto. Ai quando fecho a terceira etapa ai ia se total, ia pega tudo tudo. Ai foi onde eles pensaram que não ia subi mais, porque já paro duas vez, ai agora estabilizo. Ai eles fecho tudo memo, tudo as comporta, ai foi fechada, ai veio com tudo memo. Subiu tudo que tinha que subi, até a faixa de segurança, tinha a faixa de segurança, até ali parou. Mais ai ne, todo mundo já tinha saído, ai algumas casas já foram desmoronando, outras foram. Ai foi um sufoco menina do céu, não tinha emprego, não tinha trabaio, não tinha como sai daqui sabe. A gente assustava quando ouvia um baruio de carro, não aparecia ninguém. Ficou muito isolado, porque fico pouca gente. Fico muito isolado aqui, não tinha medico, não tinha nada, não tinha farmácia, não tinha nada.

Entrevistador:
Já tinha essas outras estradas para chegar aqui?

Entrevistado:
A estrada eu não lembro, ah foi Furnas que fez, ela já desvio a estrada por onde ela tinha que ser passada, por aqui fico impedido. Onde é a balsa hoje não tinha, era mais pra baixo tinha uma ponte, ali a estrada não era ali, era mais pra baixo a estrada e era uma ponte que tinha, ai colocaram a balsa lá e fizeram a estrada pra fica mais perto de Alfenas.
(Irmão da Maria Helena: O material para fazer a barragem passava por aqui, sabe o que eles fazia, nois era muleque, então quando o caminhão engastaiava, nois ia lá, eles seguravam um de nois lá para e fazia nois i compra cigarro e pinga preles, ai vinha aquela turma compra e os caminhão dele tudo encravado).

Entrevistador:
Os “Furneiros” então conviveram um pouco com vocês?

Entrevistado:
Não, só com eles que eram muleque, com a gente não, eles só passavam por aqui, a estrada era por aqui, aqui ia pra Carmo do rio claro, não tinha, tinha que passar aqui e depois passava por Carmo do Rio Claro e descia pra barrage, pra Furnas. Não tinha aquela por fora lá (estrada), era por aqui que passava. Com eles, com os muleque como ele falou, quando os caminhão incravava e eles iam lá. Intão menina

depois foi melhorando um pouco. Ai eu sai, logo o meu pai mudou, mudou pra uma casa lá um pouco pra cima, era do pai dessa Expedita. Ai meu pai e minha mãe foram morar lá, ai logo eu fui pra São Paulo trabaia, lá fiquei 8 anos, mas eu não fiquei 8 anos direto, eu ia ficav uns tempo aqui e ficava uns tempo lá trabaiando. Que foi muito sofrimento também foi. Agora que mioro, asfalto começou no final do ano passado, que começou a asfaltar aqui, era aquele barrão quando chovia, e depois foi melhorando em questão de saúde, da educação, da saúde, ai foi melhorando. Agora não tá tao ruim agora. Quando chego a agua mesmo foi um abandono total do povo aqui, não tinha como sai daqui, não tinha carro, nem ônibus, nada assim que levasse, acabou tudo. Não tinha como sai, pra sai pra lá tinha que de canoa, ficamo ilhado, a gente chamava isso de coador, porque ficou aquela ponta, agua de ca, agua de lá e em volta assim, ai a gente falava que parecia um coador, como é um bico ficamo isolado, muito tempo, muitos ano. Ai depois tinha uma canoa de motor que era de Furnas, até foi o meu avô que tomava conta dela, dessa canoa. Ai atravessava, levava pro porto de Campos Gerais, pro porto de Campo do Meio. Ai depois colocaram uma lá na balsa, ai meu avô foi pra lá e lá ele morreu, morreu na agua. Não foi bem assim uma morte na agua, porque ele entrou na agua e teve um colapsu, ele tinha almoçado e tava com o corpo muito quente, tava atravessando açúcar, ai quando ele desceu a canoa escapou dele, ai então ele entrou na agua pra pegar a canoa i afundo e não boio mais. Ai veio o corpo de bombeiro, o pessoal pra tira ele da agua. Ai o medico constado que foi um colapsu que deu, porque o medico sabe quando morre afogado, porque ele era, foi ele que acompanhou esse pessoal quando eles vieram, ai tinha um amigo dele que mora em Alfenas lá perto do cabo verde, daquele rio, aquele que passa na balsa e desce, ali encontra o Sapucai e o rio Sapucai descia para o Cabo Verde. Ali era chamado de barra do cabo verde, ai meu avo, meu pai e até a gente, eu morei lá uns tempo e lá tinha uma ponte também que atravessava o cabo verde. Uma ponte, esse ônibus vinha de carmo do rio claro e passava por aqui, passava por essa ponte lá e passava em Gaspar Lopes e chegava em Alfenas. Intao todo dia ia e voltava, uma jardineira de madeira, aquelas bem antiga de madeira. Mas ai intao meu avo era acustumado bem disse nasceu lá na agua, nadador que, ai os amigos dele que vinha e ficava na casa dele, vinha pra pesca, ficava ali pescando, tinha até uma casa lá que um rapaz fez lá uma casona bonita lá, meu avô que acompanhava esse pessoal, ai ele era tao experiente com água, ate o povo de furnas chamava ele de

Tamandaré, era o nome dele, ninguém chamava ele de Zé Maria era só Tamandaré. Você sabe que foi Tamandaré né? Intao eles chamava ele de Tamandaré, i mais quando ele morreu, ele morava aqui i ia pra lá trabaia na canoa, ficava lá trabalhando, ai depois qui ele morreu foi aquele disgosto, aquela coisa né. Mas tem muita historia, tem muita coisa, qui a gente conta né. Assim a gente tem que i lembrando aos poco.

Entrevistado:
Quando água chegou então vocês tinham casa pra mora?

Entrevistador:
Tinha, tinha, não tinha a casa foi vendida pra Furnas, ai depois não tinha, porque meu pai num compro gasto o dinhero e não compro outra casa, porque ele achou que a agua nunca ia chega né (risos). Ficava morando nas casa alugada, uma casinha aqui em outra ali, tinha uma casinha de dois comudo só, com aquele tanto de criança, aquele tanto de gente, quando saimo de lá, saimo pra primeira casa que arrumo, porque tinha que sai ne, a agua já tava dentro de casa, não tinha como fica, ai nois foi pra casa no quintal do pai dessa Expedita, e a gente fico lá. Ai depois nos fomo lá pra roça, onde deu pra mora. Ai depois nois foi pra roça do Luiz Ferreira, e nois ficamos pra lá e pra cá. Ai nois mudano lá pra roça e depois pressa casa aqui oh e depois nos fomos pra casa que foi do Luiz Ferreira, do Nem Cardoso, Toninho Cardoso, daqui pra casa do Toninho Cardoso. E daqui fomo pra casa onde era a pensão, que meu tio compro essa casa, a casa que era da pensão, era muito grande a casa e ele morava lá só com a família e ele pego levo a gente pra lá. A irmã do meu pai, ai nos fomo mora lá, fico as duas família morano numa casa só lá. E depois ele ia muda e vendeu a casa pra se dismanchada. Ai ele vendeu e mudano pra ali (mostrando o quintal da casa), ai depois compro essa casa aqui do lado, ai moramo aqui muitos ano. Agora o ano passado que construiu essa daqui.

Entrevistador:
Da igreja você lembra?

Entrevistado:

Da igreja eu lembro, a igreja era bunita, a igreja, tinha muita festa, tinha muita coisa. Fazia muita festa, festa de são João, festa de nossa senhora do Rosario, fazia, tinha quermesse, tinha a casa paroquial, tinha a sede, tinha aonde apresenta tiatro, tiatrinho da escola, a sede era bem grande, era na esquina, ai lá fazia apresentação de escola, de coisa assim sabe, quando tinha por exemplo uma formatura, sempre fazia festa da formatura, ai fazia la nessa sede. Era bem grandi.

Entrevistador:

Em relação aos Furneiros, eles vinham aqui e negociavam a venda da casa?

Entrevistado:

Não, eles vieram só uma vez para negocia com todo mundo. Eles não vieram assim por etapa, já vieram resolver tudo de uma vez. Levava lá em Alfenas e pagava lá, lá no cartório, não lembro decerto devia ser no cartório. Eles pegavam e tava o recibo, do dinheiro que eles pago. Quem vendia que tinha que assina o recibo, que assinava o recibo pra eles. Ai eles pegaram e falaram que primeiro eles vieram pra faze o acordo, que ia faze as casas pra todo mundo aqui e ninguém quis, que não queria não, que queriam o dinheiro e gastaram. A maioria saiu, quem saiu tá voltando, aqui em baixo, essas casas que tem aqui pra baixo, aquelas mais bonitas de lá, pra cá, aqui é casa de gente que só vem aqui pra passar temporadas. Era gente que era daqui, que depois foi lá fez o pé de meia e voltou e voltaram tudo cheio de dinheiro. E meu pai imbirro aqui, porque o farmacêutico que atendia aqui, esse que fui pra casa dela trabaia lá, pra toma conta de uma criança deles lá uns tempo. Ai ele pegou veio aqui e falo para o meu pai, que ele tinha pra trabaia pra Furnas lá em Poços de Caldas, que meu pai pudia i que eu ia arruma casa lá pro meu pai, com os movi que ele levo daqui, movi antigo, tava tudo debaixo do porão da casa dele, chego lá e compro tudo novo, aquelas coisa bonita, antiga que ele tinha trazido de lá, ai ele falo que dava tudo para o meu pai, tinha tudo fechado lá em baxo, meu pai não quis, ah eu com essa criançada. Arrumava até imprego pro dois mais velho, eu já tava impregada lá na casa dele, arrumava imprego até pros dois menino, falava arrumava imprego pros dois minino teu que já ta mocinho. Ah mas o pai não quis i de jeito nenhum, ah num vo, sai com essa criançaiada e não sei

o que. Se ele tinha o apoio do homi lá tava pra ele te saído sim, porque ai depois vai crecendo e se impregando também.

Meu pai foi nacido e criado aqui, na bera do rio aqui. Não saia dessa berada de rio, de dentro da canoa. Então, não quis i e a gente foi ficando, naquela dificuldade que a gente fico. Acho que até nessa época ele achava que a água não vinha. A gente ainda tava morando na casa velha, de certo ele pensava vo sai pra que, essa água não vai chega memo. Porque depois que eu vim de lá, que a gente teve que sai correno lá de casa né, saino todo mundo de canoa de lá. A gente saiu com a água quase que na cinturam, ai teve que sai né. Ou sai ou morre afogado (risos). Quando ele viu que num dava, ele ficou meio transtornado, que ele não tomava iniciativa nenhuma sabe. Tudo foi a minha mãe e nois, ele não tomava iniciativa pra nada. A água lá chegando, aumentava dia e noite aquela água sabe. Ele fincava, eles marcavam, fincavam um negocio assim, punha uma estaca e deixava. Se pusesse a estaca de tarde, no outro dia já não via mais, já não aparecia mais a estaca. E os bichos subino, aquela bicharada sabe. A água chego com muita sujeira, muita coisa, também porque aquelas arvore foi morrendo, aquelas coisa foi apodrecendo, fico muito feio. Igual uma enxorrada, veio desbarrancando aquelas berada de água, veio aqueles barranco desmoronando, e veio subindo, subindo. Foi muito feio, muito feio que vinha bicho junto, muita cobra, muita coisa, esses bichinho sabe. Então não foi fácil não, mais. Tem muita historia pra conta, tem muita história triste (risos). Foi triste sim, pois nois não esperava aquilo.

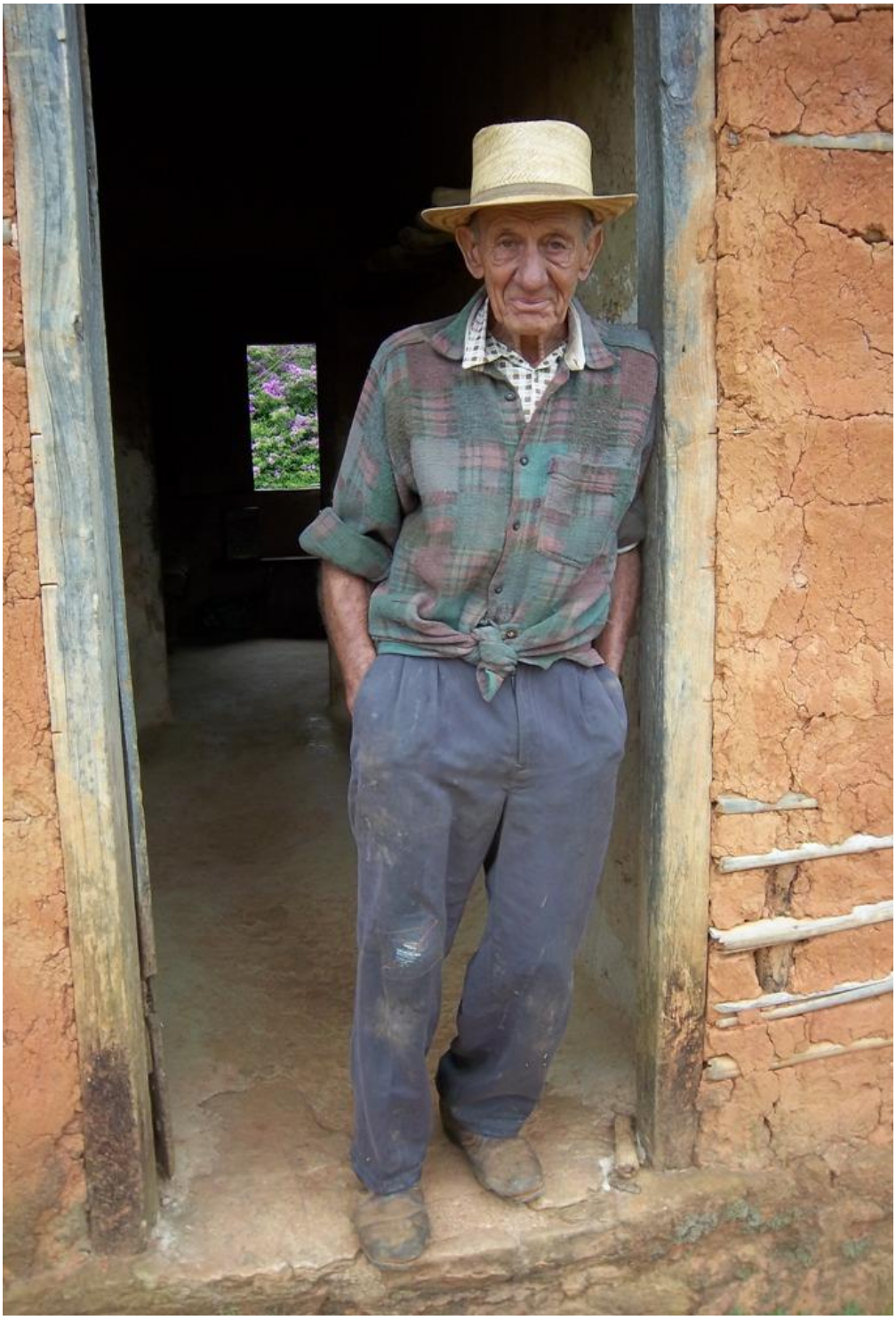
E o Zé Auleriano pelejando para segura as agua e não moía os adubo. Ia fazendo a barricada, daqui ela não passa, daqui ela não passa (risos). Passava, punha outro dia passava. Porque ela não vinha assim, porque com o terreno muito irregular, ela vinha assim, aqui ficava aquela ponta, lá subia bastante. E meu pai aqui ela não sobe, aqui ela não sobe. E ela subino pra dentro de casa. E aquela bicharada que vinha junto, aquele tanto de cobra aquelas coisa. As cobra fico loca e como a sai de dentro d'agua, porque não tinha ondi elas i.

Quando dava enchente o rio subia de lá pra cá, porque a água que descia, ia chovia demais e a água enchia daqui pra lá e vinha deceno a enchente, ai as vezes lá não tinha enchente e aqui já tinha. I ia deceno divagar. E agora quando a água veio, a agua veio de lá pra cá. Ai achava que num subia.

Ai depois o padre mandou desmancha a igreja que tinha, porque eles queria faze um muro, uma barrage aqui, um pé direito, pra segura, pra não ter que desmancha a

igreja. Mas o padre que tinha aqui, José Panus, enquanto ela não conseguiu autorização pra derruba a igreja ele não sussego. Ai o engenheiro que veio disse que se subesse que a igreja, lá eles falaram que a igreja já tava caino, senão ele não tinha vindo. Ele falo. Se eu subesse que essa igreja tava desse jeito eu não tinha vindo. Se precisa ve a grussura dos ferro que era a sustentação da igreja, a ferrage. Era onde nois brincava, era onde nois ficava. No domingo era onde nois brincava, era onde nois ficava lá na sombra dela.

Figura 17: João Bernarda, nascido em 1928 – 87 anos.



Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Nascido e criado no bairro rural Mandassaia, era o caçula de sete filhos. Como o pai morreu muito jovem, seu irmão mais velho foi responsável pela sua criação e dos seus irmãos. Viveu a vida toda na mesma casa. Não casou e não teve filhos. Morreu no ano de 2012, doou suas terras para os sobrinhos.

Entrevistado:

Aí veio a Furna. Aí a estrada passava ali isso aqui. Dalí se oiava de noite a luz do carro, vinha lá, era um atráis do outro. Ônibus tinha dois do Carmo, um passava às nove horas, aí ligava com Barranco Arto, um passava as dez. Um saía de Arfena às três e o outro às duas. Tinha o Dilú, que era de Arterosa, passa segunda, quarta e sexta, passava ali às oito hora. Tinha o Célio que tinha um ondinho [ônibus menor] mais piqueno, mas que vinha do Cavaco, que fazia essa linha aqui tamém. Condução aí trançava, aí tinha umas árve [árvores] naquele arto, eu levava um bucado de leite, eu e o tale João Nicélio. Aí o dia que precisava juntava aquele povão pra i no caminhão. Ia dez hora pro Barranco Arto, quando ele ia cedo passava ali seis hora e buzinava pra mim quando era preciso. Eu ia lá esperá. Uma hora era o pagamento outra hora chegou um povo aí farto leite na lata, falei “uai João, bebero pra daná”. Tem que avisá né. E foi este governo que eu ti falo, aí veio o Juscelino com esse mundão d´água e acabou no passado o que tinha isso aí ninguém carcula isso aí, a gente que conheceu que ti conta. Essas varge de rio né, a riqueza que era isso aí pro povo de arroiz né. Agora hoje óia aquilo ali, acha que é uma coisa a toa né. Cê sabe que eu ti falo, de cá perto do Carmo cá em baixo, eu andei muito quando era moço, eu sei os donos, do João do Pio pra cá, da banda de lá não, do Sapucaí não, da banda de cá eu vou até na estação [do Grado]. Eu sei tudo né, da banda dali eu também sei da banda do Muzambo a gente rodava, trabaiava nessas varge, as vez a gente mexia, tinha um gado lá, a gente ia ajudá a tirá outra hora a gente ia por conta própria, conhecia isso tudo. Aí que te conto outra pro cê, vai escutando, lá tinha o Luiz Leite, eles falava que era coroné, isso aqui que é do Zequita, tem uma parte que é dos Munhoz hoje, era dele.

Então naquela época tinha as varge dos rios, naquele tempo não tinha trator, arado de boi tudo ruim, aí aqueles as vez, começava no mês de agosto, num fazia nada por dia, aquela terra muito dura, aqueles arados num prestava, aí, quando era dia 1° de outubro, o povo plantava arrendado nas varge, o Luiz Leite né, aquele povo né, 1^{0} de outubro, tudo mundo que tem arado, tem que i pra varge do rio, aí era só grito de gente cá do outro lado tamém do rio, praquelas bandas ali, o povo juntava, gente gritando né, arano terra, aí me lembro, uma vez, duas vez que me lembro estado de falá, tinha cavanhaque, o home já tava de barba branca, feição magra, aí quando ele ia chegano, ele e o Chico né, parava, cumprimentava um, parava cumprimentava outro, como é que é? (era mãe do Luiz marcilino, essas terra) essa terra de arroiz,

nois tava arano, chegou o Sô Luiz, derradeira vez que vi ele falá, chegou falou bom dia, nois ali segurando o arado e falamo cuele, “cumé qui tão?”, “tá bão, o senhor?”, “tô bão graças a Deus”. Falo duas vez. Ó, falá uma coisa pro ceis, isso aqui tá um angolão [angolão era capim] precisava larga disto pra pasto. Mais eu quero vendê minhas fazenda porque esse Kubitschek, tá fazendo a Brasília, tá tirando dinheiro lá do estrangeiro, o rodo, aí eu quero vendê minhas fazenda e eu quero comprar o dobro de fazenda. E ele tinha um mundo de fazenda, tinha esse gado grozeral. Tinha uma fazenda perto do Carmo, que levava pra lá, quando vinha a garrotada pros pasto aqui, já era boi que tá matando hoje né, uns falava, “Sô Luiz a boiada sua tá na hora de matá”, “não ainda tá com o chifre verde, tem que esperá madurá o chifre”. Lá em Arfena tinha o tar Chico Lombanca, tinha um currá [curral], o Chico eu conheci. Agora vô chamá o Chico Lombanca, vô vendê a boiada. Ele que trazia da rizama, levava a bezerrada prá lá, depois quando tava nessa hora já tava gordo. Agora o povo tá matano, mais miúdo, que acabou com os pastos. Mais aí veio a notícia, aqui tinha um tale vendeiro, Geraldo da venda, tinha uma venda, juntava aquele povão, ia muita gente. Aí quando vê o Sérgio Campo, bibia umas pinga mais era boa pessoa, a Vitória era fia dele. Hoje passou o Borjão, com o Nardinho aqui e o Zequita, foi comprar a fazenda do Luiz Leite. Passou três dia, rá, comprou a fazenda, três mil e quinhentos conto, naquele tempo, comprou, isso em 54, o Ziquita que falou que foi em 54, porque o primeiro pau que fincou foi o Moiséis que ajudô, aí vendeu. O Moiséis comprou a parte de lá, onde hoje é o espigão, ali tem uma igrejinha, da banda de cá do lado da barsa [balsa] tinha a São José, no arto [alto] onde tem aquela estrada, ali onde vai pro Areado, ali tinha uma igrejinha [São José]. Ah! Tinha outro, Nossa Senhora da Aparecida, ainda tá lá ainda.

Eu nasci em 28, eu sou o caçula de sete fio, a Maria que era a mais veia, dipois o cumpade Arcídio, dipois o cumpade José, dipois tinha a cumadi Fausta, tinha a Laura que era doente, que morreu, dipois tinha a Tita, dipois eu. A minha mãe, o pai dela era da banda da Boa Vista, meu pai foi daqui memo, o meu pai chamava Joaquim Teodoro, eles tratava meu pai de Joaquim Teodorinho. Então ceis fala dos Ruelas, meu pai tratava a mãe do Sô Derfino, tia Mariana, e tio Derfino, falava tia Maricota tamém. Derfino era primo segundo.

Entrevistador:

E seu pai só mexia nas terras?

Entrevistado:

Só. Quando eu nasci e criemo, nascemo no tempo da pobreza, da miséria. Só que o povo naquele tempo era pobre, o povo não andava com dinheiro, o povo era medroso. O povo ia na roça e arrancava o fejão pra come. Podia dexa as coisa ai, óia o que transformo. Ninguém robava, o povo era medroso. O mundo mioro muitas coisa, mais também pioro. Saia gente pidino. Era só capado, tempero essas coisa. Naquele tempo não tinha óio, essas coisa, dava era pedaço de toicinho, arroz, fejão. Era desse jeito.

Entrevistador:

Naquele tempo começava a trabalhar muito cedo seu João?

Entrevistado:

Começava cedo. Eu comecei memo, umas veiz ia co meu pai, otras não. Eu fui memo depois co meu pai. Meu pai morreu eu tava com 12 ano. Ai eu ano podei vê arma chuva. Começava a relampia, o povo tinha muito medo de chuva. Ai onde tem aquele mataburro, pra lá do Pedro ali, foi ali, ali tinha uma roça a esquerda ali. O pai tinha morrido, ai mandaram eu janta, naquele tempo jantava quatro, três hora. Eu fui. Quando vi, vinha uma chuva. E até assim de poera, na seca chove. Ai tinha sortado os boi, ai tinha em vorta e tinham começado a ranca o sape. Veio um vento, mais um vento de chuva que passo, mais vento, tampo tudo de poera. Aquele puerão, aquele vento. E passo uns pingo ralo e fomo embora, nem jantamo e viemo imbora. Ai cabo o vento. (risos)

Ai começo, leva eu pra cuzinha, não sabia nada. Picava dois porquinho assim e acindia o fogo di baxo; não tinha essas coisa de alumínio, ai punha as panela ali. Tinha um barranco ali, punha as panela, carçava com uns pauzinho. Ai comecei a faze, não sabia nada. Naquele tempo levava fejão, arroiz, torremo pra frita. Era arroiz, fejão, uma mistura. As veis ia lá pescava no rio, pegava uns peixe. Tinha muito peixe naquela época, pegava bem. Tinha muito mandi, peixe-sapo. Tinha muito no rio Muzambo. Comecei assim. Pegava garote a unha, amansava, ensinava boi na guia, ara terra ia de Agosto até Dezembro. Ia tudo de pé no chão. O povo era pobre, não andava carçado. Tinha dia que dava vontade de senta no caminho e fica ali memo. Era lá pros lado da barsa, era umas léguas e tanto pra trabaia. Ia pra lá do João Luis, de frente com aquela iá [ilha] lá. Ia pra riba dela trabaia. Ganhei o que fiz

na vida. Até quando minha mãe faleceu, começo aquilo lá. Comecei mexe ai. Em setembro enchia as galinhas tava tudo ovo. Nos tempos do rio tava sobrando. Punha na corda, pegava uns mandizão, no que baxava já subia a corda. Em novembro, as varge já tava úmida. Tinha que arregaça as carças e passa. Quando a chuva parava, plantava arroiz também. O desferrador era um pau comprido assim, cortava de serrote e punha ali. Ai passava uma rabada. Punha no carro de boi e puxava, aí já teve meio úmido, juntava aquelas prasta e ia puxando aquilo tudo. Ia esparramando aquilo tudo. Quando via os rastro dos boi já tava úmido. Me lembro do cumpade João Arruda, punha oito, dez covero, tinha um povão. Intão na hora vinha aquele canudo que até moiava a barra da carça. Ai o dia interinho naquele batido. Agora hoje planti de arroiz é carro incravando, passa carro vira aquela lamera. O cumpade João Arruda tinha a casa perto, a subrinhada, neto era uma bagunça lá. Uma veiz nois coieu os arroiz. Cortava um gaio da varge e vinha ali tampando os arroiz. Pra mode os passarinho não come. Era o dia intero, uma boada atrais do povo. Pra coie era do memo jeito. Fazia aquele terrerão e enchia dessa artura assim. Dez, onze, quatorze boi. E uns ia tirando a paia. Inquanto um tivesse tirando a paia, punha os boi outra veiz. Dispois que tirava aquela paia, que ia virá, eles fala virá. Ia mexe naquilo, aquilo tava pesado. Não pudia dexa arroiz imbaxo. E tinha que esparrama aquilo tudo outra veiz e vinha os boi de novo. O dedo da gente ficava minando sangue assim, de fica mexendo na paia do arroiz. Começava mês de fevereiro, abril, maio; dois, três mês de panha de arroiz. Vendia pro Chico Lete, comprado das terra de Arterosa. No ano que tava bastante, o João Arruda bebia cerveja. A gente crio o arroiz, planto o arroiz e vendia o arroiz pro Chico Lete. Cuia três, quatro mil saco de arrois naquele tempo. As veis juntava um povão e ia todo mundo visita Nossa Sinhora. Eu lembro direitinho do João Arruda, desse povo. Isso era uma maravia, foi o Juscelino que acabou com isso.

Entrevistador:

Aqui morava muita gente?

Entrevistado:

Demais, isso era cheio de gente. Tinha festa e cê sabe como era? Tinha baile, casamento, as veiz até insaio de congo. Tinha tanto baile que nem sabia onde que ia. O Juscelino foi um dos festero né. Tem hora que eu falo que esse negócio de

varge de rio, nossa Juscelino foi um ordinário mais duas coisa que faiz muita farta pro povo foi essa ponte e dispois é as varge do rio é as coieta.

Entrevistador:
O senhor dançava bastante baile, ía nas festas, aproveitava bastante?

Entrevistado:
Ia nas festa mais nunca dancei não, gostava de congo, de congo eu gostava.

Entrevistador:
O senhor dançava congo?

Entrevistado:
Dançava, dançava muito congo achava muito bonito, e o que te falo aqui no Barranco Arto era aqui perto um pedacinho de rua, dois quilômetro.

Entrevistador:
Vocês iam a pé?

Entrevistado:
Ia a pé, a cavalo, mais então quando tinha festa de congo lá, festa do rosário que ti falo então daqui de noite escutava daqui a batida deles né.

Entrevistador:
Hoje é a mesma distância ou a água atrapalhou? Aqui tinha rio pra passar, tinha rio, ponte?

Entrevistado:
Tinha o rio são Joaquim que passa ali na ponte do Esteque, ocê sabe, quando dava enchente grande tinha que espera baixa porque não passava de jeito nenhum, então esta estrada passava ali só que passava ali por riba. Te conto do Ildeu (Ildeu do livro de nome “Mandassaia”). Esse povo era arranchado aqui. Acabou a Furna né, o Ildeu sumiu. Aí né, eu sempre ia em Arfena, tava custoso né, tinha comprado a canoa de motor depois, aí encontrei co ele, nois pruziemo, o João tá bão.

Figura 18: Casa de adobo, casa essa em que viveu João Bernarda até a sua morte. A casa ainda continua de pé nos dias atuais, no bairro Mandassaia.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Figura 19: Interior da casa do João Bernarda.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Figura 20: João Bernarda no interior da sua casa.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

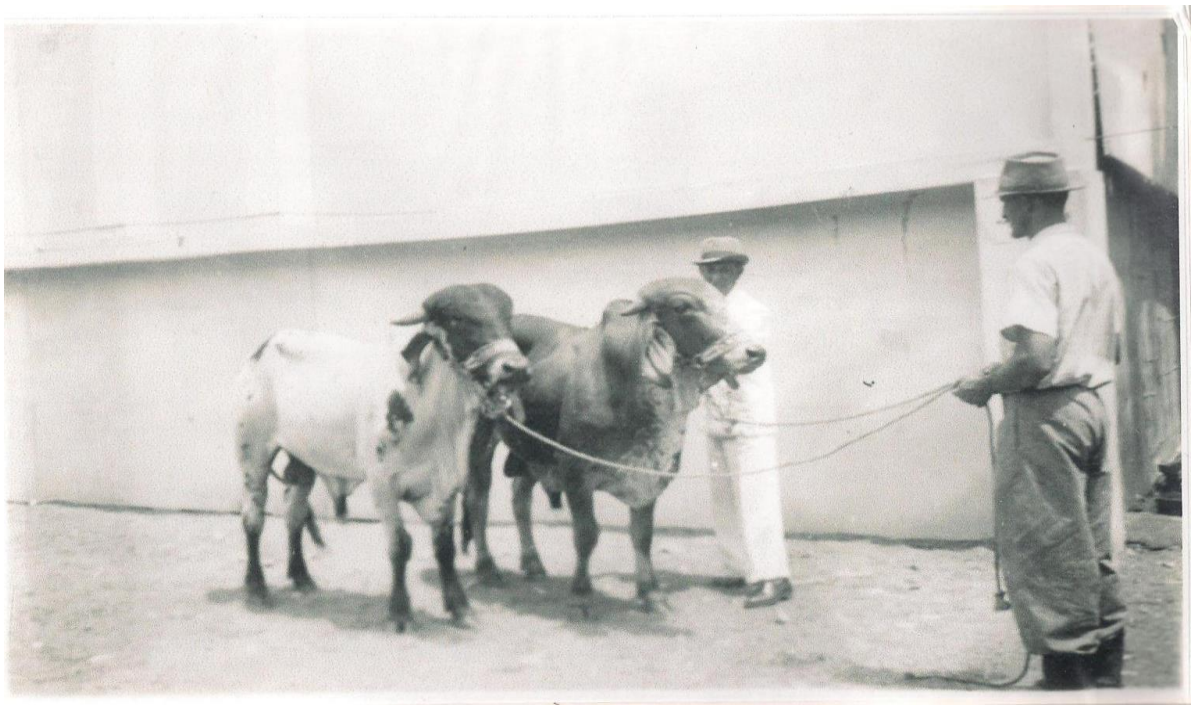
Figura 21: João Bernarda sentado à beira do fogão de lenha contando suas memórias.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

6.4 Um catálogo da submersão

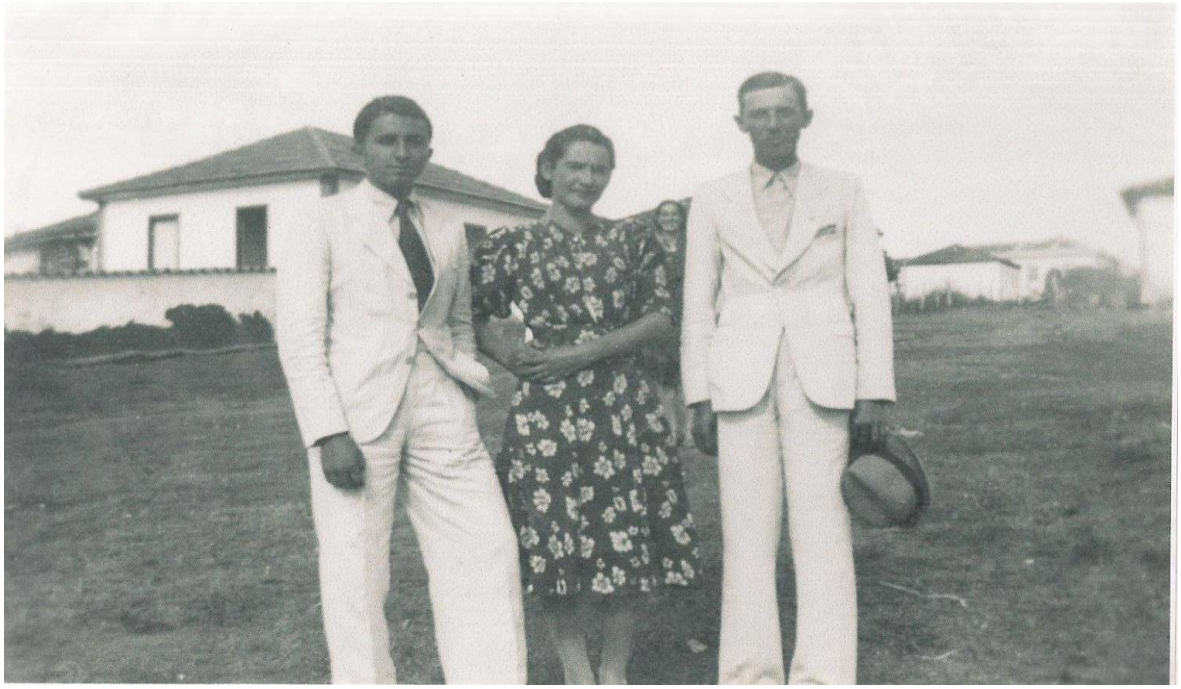
6.4.1 Antes da submersão

Figura 22: Moradores locais 1.



Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 23: Moradores locais 2.



Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 24: Moradores locais 3.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 25: Moradores locais 4.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 26: Dia de festa em Barranco Alto, ao fundo a Casa Paroquial.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 27: Congada na porta da Casa paroquial.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 28: Moradores em dia de missa.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 29: Crianças de Barranco Alto, juntas com o Padre Clodoaldo (direita da foto).

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 30: Festa na igreja.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 31: Missa campal.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 32: Igreja em estilo neogótico.

Fonte: arquivo pessoal José Amando.

Figura 33: Procissão 1.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 34: Procissão 2.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 35: Procissão 3.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 36: Casamento.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 37: Pensão do José Rocha.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 38: Moradores locais 4.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 39: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 1.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 40: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 4.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 41: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 5.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 42: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 6.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 43: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 7.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 44: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 10.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 45: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 12.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 46: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 14.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 47: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 17.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 48: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 19.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

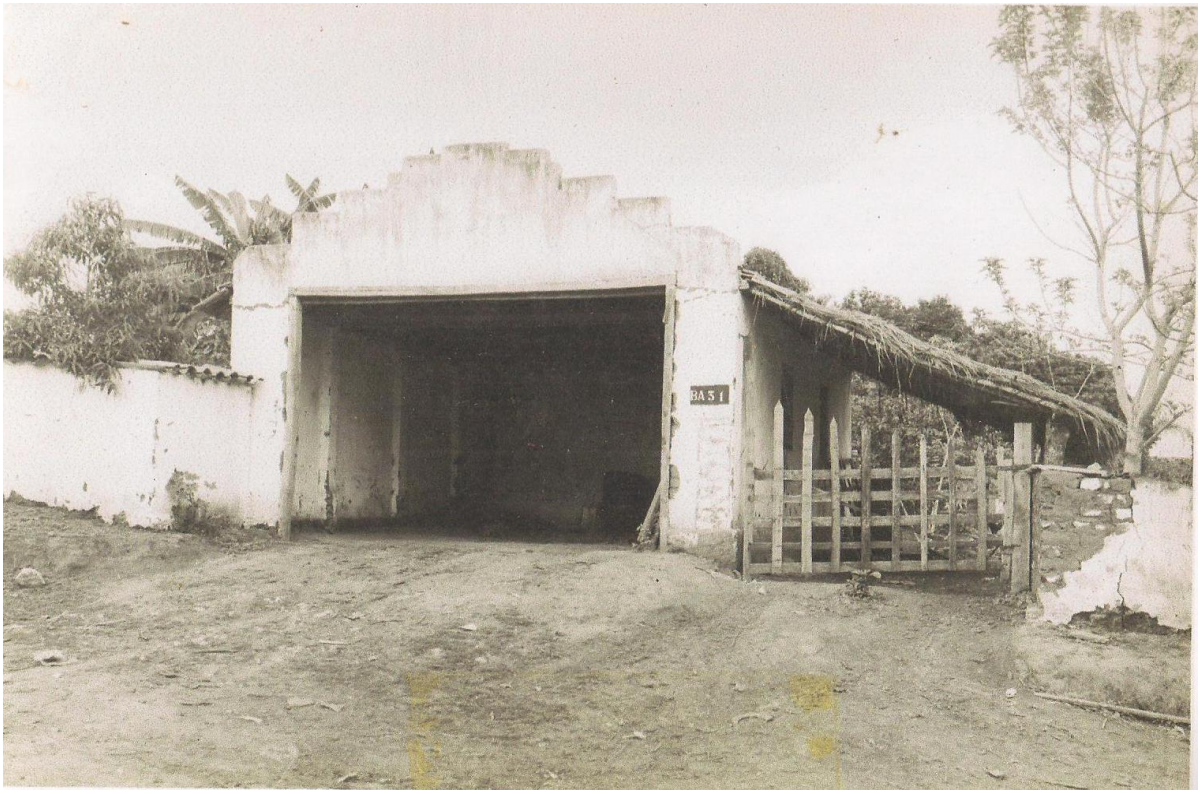
Figura 49: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 23.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 50: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 24.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 51: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 31.



Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 52: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 35.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 53: Casa e máquina de beneficiamento de arroz em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 36.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 54: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 38.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 55: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 40.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 56: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 41.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 57: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 42.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 58: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 45.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 59: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 47.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 60: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 49.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 61: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 50.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 62: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 51.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 63: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 52.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 64: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 54.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 65: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 56.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 66: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 57.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 67: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 59.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 68: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 61.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 69: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 62.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 70: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 63.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 71: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 68.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 72: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 69.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 73: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 79.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 74: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 82.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 75: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 83.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 76: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 84.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 77: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 85.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 78: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 88.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 79: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 90.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 80: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 91.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 81: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 92.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 82: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 93.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 83: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 95.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 84: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 101.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 85: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 102.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 86: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 102.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 87: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 104.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 88: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 107.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 89: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 112.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 90: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 113.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 91: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 114.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 92: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 120.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 93: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 121.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 94: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 125.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 95: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 126.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 96: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 129.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 97: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 130.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 98: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 134. A entrevistada Maria Helena Gomes reconheceu a casa como sendo da sua família.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 99: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 135.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 100: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 136.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 101: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 140.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 102: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 143.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 103: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 146.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 104: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 147.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 105: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 155.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 106: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 162.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 107: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 166.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 108: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 168.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 109: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 169.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 110: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 170.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 111: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 171.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

Figura 112: Casa em Barranco Alto, catalogada por Furnas. Casa de número 172.

Fonte: acervo pessoal de Elvira Ribeiro.

6.4.2 Depois da submersão

Figura 113: Planta da atual Barranco Alto.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

Figura 114: Mandassaia.

Fonte: acervo pessoal Lárame Silva Carvalho e Marly Teodora Nogueira.

CONCLUSÃO

Finalizando essa pesquisa, depois de muitas entrevistas e de vários “mundos” de memória adentrados, temos a certeza, mais do que nunca, que essas pessoas expropriadas por Furnas perderam muita coisa além das terras; perderam pessoas, raízes e o seu lugar de pertencimento no mundo, presente nos sentimentos e lembranças que configuram os depoimentos aqui documentados.

Segundo pesquisas, o reservatório de Furnas poderia ter sido construído com um nível mais baixo, atingindo menos terras e afetando menos pessoas. Mas o processo de modernização e desenvolvimento econômico necessita extrair o máximo de rendimento possível, sendo inerente o aspecto “faraônico” de suas intervenções e empreendimentos, com uma consequente ausência de consideração pelos efeitos devastadores na vida cotidiana das pessoas atingidas pela subida das águas, ou seja, com o impacto social da barragem. Contra aquele projeto de Estado, nada pode ser feito. Nem mesmo as elites econômicas e políticas o reverteram, antes negociaram de forma favorável suas terras, diferentemente dos ‘pequenos’, ‘teimosos’, persistentes e incrédulos.

De nada adiantou estes resistirem e irem contra a construção da grande hidrelétrica, isso não impediu que inúmeras vidas fossem drasticamente mudadas e que cidades inteiras ou grande parte fossem engolidas pelas águas. A construção da represa em nível mais baixo não afetaria a produção de energia, mas as grandes obras enchiam os olhos dos políticos que seriam “beneficiados” com tamanha construção, o prestígio social valeu mais que as vidas dos pequenos.

Após encerrarmos nosso trabalho de campo com as entrevistas, foi possível compreender que os ribeirinhos usaram da memória como seu ponto de apoio, seu porto seguro. Percebemos que as lembranças de como eram Barranco Alto e Mandassaia foram os pontos mais tocados: lembrar das festas, da vida cotidiana, da vida religiosa e de suas antigas vidas fez o tempo correr mais devagar e os momentos tristes foram apagados (nem que por um instante) de suas lembranças.

Não como um tsunami, que é quase instantâneo e destruidor, mas com uma subida lenta e inevitável das aguas, nossa modernidade fez a vida dos ribeirinhos submergir. Hoje, meio século depois, o apoio destes sujeitos foi não perder a história de seu passado, mantendo-a viva.

E como manter viva a memória desse passado remoto? Através de suas lembranças que vão ficar além da memória, documentadas em histórias contadas e palavras ditas. Esperamos ter contribuído neste sentido com este trabalho.

REFERÊNCIAS

BELLAIGUE, Mathilde; MENU, Michel. **Museologia e as formas de Memória.** In: Simpósio Museus, Memória e Patrimônio na América Latina e no Caribe. ICOFOM LAM, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Ed.USP, 1987.

COTRIM, Jonh R. **A história de Furnas**: das origens à fundação da empresa. v.1. Rio de Janeiro: FCE, 1994.

DECAROLIS, Nelly. **Memórias do Devir.** In: SIMPÓSIO MUSEUS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. ICOFOM LAM, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.98-105, 1997.

GREMAUD, Amaury Patrick. **Economia brasileira contemporânea**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Arquitetura, monumentos, mídia. Trad. Sérgio Alcides. UCAM – Coleção Agenda do Milênio. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p.

LEMOS JÚNIOR, Clésio Barbosa. **A implantação da usina hidrelétrica de Furnas (MG) e suas repercussões**: estudo sobre a territorialização de políticas públicas. Campinas: [s.n.], 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000778319>. Acesso em: 25 fev. 2013.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Entre árvores e esquecimentos**. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **Memória Social e a instituição museu: reflexões acerca da herança cultural (re) interpretada.** In: SIMPÓSIO MUSEUS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. ICOFOM LAM, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.80-90, 1997.

MARTINS, Marcos Lobato. **Olhares sobre o "mar de minas": percepções dos moradores de Alfenas e Fama relativas ao Lago de Furnas (1963-1999).** 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v13n2/v13n2a09.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2013.

Revista FURNAS. **Edição Especial – 50 anos de Furnas.** Ano XXXIII, n. 337, Fev. 2007. Disponível em: <http://www.furnas.com.br/arqtrab/ddppg/revistaonline/linhadireta/rf337_57-67.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2013.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território.** In: SANTOS, Milton et al. Território, territórios – ensaios sobre o ordenamento territorial. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SCHEINER, Tereza. **Memória e Museu: expressões do passado, visões do futuro.** In: SIMPÓSIO MUSEUS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. ICOFOM LAM, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.130-140, 1997.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos.** Filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SOARES, Bruno César B. **Em busca do tesouro perdido:** a Nova Museologia, o Novo Museu e a América Latina. 2006. 175 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VIEIRA, Ildeu Manso. **Mandassaia***.* Alfenas: Arte Gráfica Atenas, 2002.

BIBLIOGRAFIA

MANZON, Jean. **Brasil potência industrial.** Documentário sobre a construção de Furnas. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=nVLvyIlItJA>. Acesso em: 25 mar. 2013.

MANZON, Jean. **Luz energia para o progresso.** Documentário sobre a construção de Furnas. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=eeUeFBTK2OQ>. Acesso em: 26 mar. 2013.

Travessias das águas. **Cap. II.** Reportagem exibida pela EPTV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=8M2HTiFEraU>. Acesso em: 23 mar. 2013.

Travessias das águas. **Cap. III.** Reportagem exibida pela EPTV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qoNCGlh0fr8>. Acesso em: 27 mar. 2013.

Travessias das águas. **Cap. IV.** Reportagem exibida pela EPTV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=kZrMUJNjsYw>. Acesso em: 27 mar. 2013.

Travessias das águas. **Cap. Barra Velha.** O que não sobrou. Reportagem exibida pela EPTV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vEjOPP3k7Ug>. Acesso em: 27 mar. 2013.

Travessias das águas. **Cap. Transporte.** Reportagem exibida pela EPTV. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=CYPgS4BKxHE>. Acesso em: 26 mar. 2013.

ANEXO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu José Amando da Cruz, RG 12 831 830 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras Lárame Silva Carvalho, graduanda de Ciências Sociais, Marly Teodora Nogueira, graduanda de Ciências Sociais e o orientador Lucas Cid Gigante professor no Instituto de Humanas e Letras, ambos pela UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas, do projeto de pesquisa intitulado "**Memórias alagadas: A construção da hidrelétrica de Furnas e a submersão da vida**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa.

Alfenas, 14 de novembro de 2015

Lárame Silva Carvalho — Lárame Silva Carvalho

Marly Teodora Nogueira — Marly Teodora Nogueira

Sujeito da Pesquisa

Unifal MG
Universidade Federal de Alfenas

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Jayme de Oliveira, RG MG.11019.336 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras Lárame Silva Carvalho, graduanda de Ciências Sociais, Marly Teodora Nogueira, graduanda de Ciências Sociais e o orientador Lucas Cid Gigante professor no Instituto de Humanas e Letras, ambos pela UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas, do projeto de pesquisa intitulado "**Memórias alagadas: A construção da hidrelétrica de Furnas e a submersão da vida**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa.

Alfenas, 14 de Novembro de 2015

Lárame Silva Carvalho — Lárame Silva Carvalho

Marly Teodora Nogueira — Marly Teodora Nogueira

Jayme de Oliveira
Sujeito da Pesquisa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Expedita Maria da Silva, RG 20 321 324-4 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras Lárame Silva Carvalho, graduanda de Ciências Sociais, Marly Teodora Nogueira, graduanda de Ciências Sociais e o orientador Lucas Cid Gigante professor no Instituto de Humanas e Letras, ambos pela UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas, do projeto de pesquisa intitulado "**Memórias alagadas: A construção da hidrelétrica de Furnas e a submersão da vida**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa.

Alfenas, 14 de novembro de 2015

Lárame Silva Carvalho — Lárame Silva Carvalho

Marly Teodora Nogueira — Marly Teodora Nogueira

Expedita Maria da Silva

Sujeito da Pesquisa

Unifal MG
Universidade Federal de Alfenas

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Estevam Lindolfo Cabral, RG 36.761.2896 depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras Lárame Silva Carvalho, graduanda de Ciências Sociais, Marly Teodora Nogueira, graduanda de Ciências Sociais e o orientador Lucas Cid Gigante professor no Instituto de Humanas e Letras, ambos pela UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas, do projeto de pesquisa intitulado "**Memórias alagadas: A construção da hidrelétrica de Furnas e a submersão da vida**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa.

Alfenas, 23 de novembro de 2015

Lárame Silva Carvalho — Marly Teodora Nogueira

Lárame Silva Carvalho — Marly Teodora Nogueira

x Estevam Lindolfo Cabral

Sujeito da Pesquisa

Unifal MG
Universidade Federal de Alfenas

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Maria Helena Gomes, RG_____
depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras Lárame Silva Carvalho, graduanda de Ciências Sociais, Marly Teodora Nogueira, graduanda de Ciências Sociais e o orientador Lucas Cid Gigante professor no Instituto de Humanas e Letras, ambos pela UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas, do projeto de pesquisa intitulado "**Memórias alagadas: A construção da hidrelétrica de Furnas e a submersão da vida**" a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa.

Alfenas, 25 de novembro de 2015

Lárame Silva Carvalho — Marly Teodora Nogueira

Maria Helena Gomes
Sujeito da Pesquisa

João Bernardo e Luis Marcelino faleceram antes da assinatura do termo.